

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Maurício Marques Sortica

**A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DOS ESTUDOS DO FÔNICO NO CURSO DE
LINGUÍSTICA GERAL: NOTAS PARA O ENSINO DO PROGRAMA
LINGUÍSTICO SAUSSURIANO.**

Porto Alegre
2016

MAURÍCIO MARQUES SORTICA

**A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DOS ESTUDOS DO FÔNICO NO CURSO DE
LINGUÍSTICA GERAL: NOTAS PARA O ENSINO DO PROGRAMA
LINGUÍSTICO SAUSSURIANO.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr. Luiza Ely Milano

Linha de Pesquisa: Análises textuais, discursivas e enunciativas

Porto Alegre
2016

MAURÍCIO MARQUES SORTICA

**A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DOS ESTUDOS DO FÔNICO NO CURSO DE
LINGUÍSTICA GERAL: NOTAS PARA O ENSINO DO PROGRAMA
LINGUÍSTICO SAUSSURIANO.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Aprovada em 23 de março de 2016

Prof.^a Dr. Luiza Ely Milano – PPG-Let/UFRGS - Orientadora

Prof.^a Dr. Alena Ciulla – PPG-Let/UFRGS

Prof. Dr. Cláudio Delanoy – PPG- Letras/PUCRS

Prof.^a Dr. Neiva Tebaldi Gomes – PPG-Let/UniRitter/Laureate

CIP - Catalogação na Publicação

Sortica, Maurício Marques

A constituição do campo dos estudos do fônico no
Curso de Linguística Geral: notas para o ensino do
programa linguístico saussuriano / Maurício Marques
Sortica. -- 2016.
106 f.

Orientadora: Luiza Ely Milano.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Estudos Saussurianos. 2. Linguística Geral. 3.
Ensino Universitário. 4. Estudos do Fônico. I.
Milano, Luiza Ely, orient. II. Título.

A todos aqueles que me ajudam a fazer do
fônico em toda sua amplitude parte
constitutiva de suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, agradecemos, principalmente,

à minha família, que me proporcionou condições financeiras para concluir mais esta jornada;

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), pela bolsa de estudos;

à minha orientadora, professora Luiza Milano, pela competência com que me orientou durante a realização deste trabalho, fazendo disso uma extraordinária jornada dentro dos estudos saussurianos. Por acreditar em mim, no meu trabalho e por me dar esta oportunidade de trabalho conjunto;

aos professores Alena Ciulla, Cláudio Delanoy e Neiva Gomes, pela leitura atenta deste trabalho e pelas sugestões feitas para sua melhora;

aos companheiros do Grupo de Pesquisa *O Rastro do Som* pela interlocução e troca de ideias, independentemente de estarmos em gabinetes, cafés ou bares.

I'm all these words, all these strangers, this dust of words, with no ground for their settling, no sky for their dispersing, coming together to say, fleeing one another to say, that I am they, all of them, those that merge, those that part, those that never meet, and nothing else, yes, something else, that I'm something quite different, a quite different thing, a wordless thing in an empty place, a hard shut dry cold black place, where nothing stirs, nothing speaks, and that I listen, and that I seek, like a caged beast born of caged beasts born of caged beasts born of caged beasts born in a cage and dead in a cage, born and then dead, born in a cage and then dead in a cage, in a word like a beast, in one of their words, like such a beast, and that I seek, like such a beast, with my little strength, such a beast, with nothing of its species left but fear and fury, no, the fury is past, nothing but fear, nothing of all its due but fear centupled, fear of its shadow, no, blind from birth, of sound then, if you like, we'll have that, one must have something, it's a pity, but there it is, fear of sound, fear of sounds, the sounds of beasts, the sounds of men, sounds in the daytime and sounds at night, that's enough, fear of sounds all sounds, more or less, more or less fear, all sounds, there's only one, continuous, day and night, what is it, it's steps coming and going, it's voices speaking for a moment, it's bodies groping their way, it's the air, it's things, it's the air among the things, that's enough, that I seek, like it, no, not like it, like me, in my own way, what am I saying, after my fashion, that I seek, what do I seek now, what it is, it must be that, it can only be that, what it is, what it can be, what what can be, what I seek, no, what I hear, I hear them, now it comes back to me, they say I seek what it is I hear, I hear them, now it comes back to me, what it can possibly be, and where it can possibly come from, since all is silent here, and the walls thick, and how I manage, without feeling an ear on me, or a head, or a body, or a soul, how I manage, to do what, how I manage, it's not clear, dear dear, you say it's not clear, something is wanting to make it clear, I'll seek, what is wanting, to make everything clear, I'm always seeking something, it's tiring in the end, and it's only the beginning.

(Samuel BECKET, dramaturgo irlandês)

RESUMO

A releitura do Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1916), edição e compilação do programa linguístico desenvolvido por Ferdinand de Saussure em seus cursos na Universidade de Altos Estudos de Genebra, sob o olhar das fontes manuscritas do Curso, assim como de outros escritos do punho do linguista suíço (ENGLER, BOUQUET, 2002) trouxe novas interpretações e maneiras de se conceber o trabalho desenvolvido pelo mestre genebrino (BOUQUET, 1997; NORMAND, 2000; DEPECKER, 2010) ao “tentar mostrar ao linguista o que ele faz”. Apesar disso e dos avanços no entendimento das concepções saussurianas e do contexto de suas contribuições para o ramo da linguística (DE MAURO, 1956), o ensino do pensamento linguístico saussuriano ainda parece estar baseado em leituras reducionistas da obra do mestre, como aquela feita pelo estruturalismo norte-americano e difundida até hoje que, de maneira geral, exclui a fala e o sujeito falante do campo do estudo da língua (BLOOMFIELD, 1933). Dessa maneira, ao se fazer essa exclusão, elimina-se também um dos mais importantes primitivos teóricos da teoria saussuriana: o papel do fônico na linguagem. Como em estudos anteriores (SORTICA, 2011) já observamos as principais correntes de ensino de linguística, o objetivo deste trabalho é ir além dessas constatações e entender como pode se dar o ensino do programa saussuriano, já elencado por nós como uma das bases para se compreender a linguística contemporânea (idem, ibidem), a partir da compreensão da base do desenvolvimento de sua teoria: o fônico e suas relações de valor. Para fazer isso, fazemos revisão bibliográfica do Curso (SAUSSURE, 1916), cotejando-o com outros escritos saussurianos ENGLER, BOUQUET, 2002; MARCHESE, 2002 ; TESTENOIRE, 2013 ; PARRET, 2014), descrevendo e explorando os trechos que tratam dos estudos do fônico, em especial os capítulos destinados à fonética, ao apêndice de fonologia, à concepção de signo e à teoria do valor. Destarte, consideramos que o campo dos estudos do fônico tem relação primordial com a teoria do valor e com a organização da contribuição saussuriana para a linguística moderna, sendo, portanto, primitivo teórico no programa de Ferdinand de Saussure. Disso, depreendemos que o ensino do pensamento saussuriano a partir do ponto de vista do fônico evita a leitura reducionista da obra do mestre genebrino, já que inclui a fala e o falante como pontos cruciais do estudo da língua. Além disso, evidencia a passagem do pensamento linguístico dominante no século XIX àquele considerado marco até hoje nos estudos das línguas, pois analisa a herança saussuriana a partir da base de sua teoria.

Palavras-chave: Estudos Saussurianos - Linguística Geral - Ensino Universitário – Estudos do Fônico

RÉSUMÉ

La relecture du Cours de Linguistique Générale (SAUSSURE, 1916) – une édition et compilation du programme linguistique développé par Ferdinand de Saussure dans des cours donnés à l'Université de Hautes Études à Genève – sous le regard des sources manuscrites du Cours, ainsi que sous d'autres écrits du linguiste suisse (ENGLER, BOUQUET, 2002), nous apporte de nouvelles interprétations et manières de concevoir le travail développé par le maître genevois (BOUQUET, 1997 ; NORMAND, 2000 ; DEPECKER, 2010) lorsqu'il « essaie de montrer au linguiste ce que le linguiste fait. Malgré les avancées qui ont eu lieu dans la compréhension des conceptions saussuriennes et du contexte de ses contributions pour le domaine de la linguistique (DE MAURO, 1956), l'enseignement de la pensée linguistique saussurienne semble être basée sur des lectures réductrices de l'oeuvre du maître, telle que celle élaborée par le structuralisme nord-américain et diffusée jusqu'à nos jours, qui d'ailleurs exclut la parole et le sujet parlant du champ de l'étude de la langue (BLOOMFIELD, 1933). Lorsque l'on établit cette exclusion, l'on élimine aussi l'un des primitifs théoriques les plus importants de la théorie saussurienne : le rôle de l'aspect phonique dans le langage. Tel qu'observé dans des études précédentes (SORTICA, 2011), notre objectif est d'aller au-delà des constats concernant les courants de l'enseignement de la linguistique : nous souhaitons comprendre comment le programme saussurien pourrait être enseigné puisqu'il s'agit de l'une des bases nécessaires à comprendre la linguistique contemporaine (idem, ibidem), et ce, à partir de la compréhension de la base du développement de sa théorie : le phonique et ses relations de valeur. Pour ce faire, nous faisons une révision bibliographique du Cours (SAUSSURE, 1916) tout en le mettant en relation avec d'autres écrits saussuriens (ENGLER, BOUQUET, 2002 ; MARCHESE, 2002 ; TESTENOIRE, 2013 ; PARRET, 2014). Notre objectif est de décrire et d'explorer les extraits traitant des études sur l'aspect phonique, en spécial, les chapitres destinés à la phonétique, à la phonologie, à la conception de signe et à la théorie de la valeur. Ainsi, nous considérons que le champ des études du phonique est intrinsèquement lié avec la théorie de la valeur et avec l'organisation de la contribution saussurienne pour la linguistique moderne, étant donc un primitif théorique du programme saussurien. De ce fait, nous comprenons que l'enseignement de la pensée saussurienne à partir du point de vue du phonique non seulement évite la lecture réductrice de l'oeuvre du maître genevois, vu qu'il inclut la parole et le parlant comme des points cruciaux de l'étude de la langue, mais aussi met en évidence le passage de la pensée linguistique dominante du XIXe siècle à la pensée qui est le point de repère pour les études des langues pour analyser l'héritage saussurien d'après la base de sa théorie.

Mots-clés : Études Saussuriens - Linguistique Générale – Enseignement Universitaire – Études du Phonique

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: SOBRE LABIRINTOS, CAMINHOS SEM SAÍDA E RASTROS DE ESPERANÇA.....	11
PARTE I - À ENTRADA DO LABIRINTO: O SOM EM CURSO.....	18
2. O SOM NO SISTEMA: UM APÊNDICE?.....	20
2.1 O SOM NO APÊNDICE: OS PRINCÍPIOS DO FÔNICO.....	25
2.2 O SOM NO APÊNDICE: O FÔNICO EM SEU PRINCÍPIO.....	29
2.3 O SOM NO APÊNDICE: O FÔNICO EM ANÁLISE.....	32
2.4 A TEORIA SAUSSURIANA DA SÍLABA.....	35
2.5 UM APÊNDICE, AFINAL?.....	41
3. O FÔNICO: PRINCÍPIOS GERAIS DE UMA LINGUÍSTICA?.....	43
3.1 O SIGNO E SUA CONSTITUIÇÃO: O FÔNICO EM JOGO.....	44
3.2 O SIGNO, SUA ARBITRARIEDADE E SUA (I)MUTABILIDADE: O JOGO DO FÔNICO.....	50
3.3 O FÔNICO E O SIGNO: AS REGRAS DE UM JOGO.....	59
4. A LINGUÍSTICA SINCRÔNICA: O VALOR DO FÔNICO.....	61
4.1 IDENTIDADE E UNIDADE: O SOM E O FÔNICO.....	62
4.2 REALIDADES E VALORES: O SISTEMA FÔNICO.....	66
4.3 RELAÇÕES FÔNICAS: ASSOCIAÇÃO E SINTAGMATIZAÇÃO.....	69
PARTE II – NO CENTRO DO LABIRINTO: O CURSO DO SOM.....	72
5. O FÔNICO E O ENSINO: QUAISQUER NOTAS SOBRE O ENSINO DO PROGRAMA SAUSSURIANO.....	75
5.1 O ENSINO DE LINGUÍSTICA NOS CURSOS SUPERIORES: O QUE É? COMO SE FAZ?.....	76
5.2 O PROBLEMA DO CORPUS SAUSSURIANO.....	83
5.3 UMA PROPOSTA: O ENSINO DOS PRIMITIVOS TEÓRICOS EM SAUSSURE.....	91
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: UNDE EXORIAM?.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103

SOBRE LABIRINTOS, CAMINHOS SEM SAÍDA E RASTROS DE ESPERANÇA

Saussure excluiu a fala da Linguística e, portanto, a ciência da língua não pode (e nem deve) dar conta daquilo que dela se deriva: o som, a escuta, o falante. É essa afirmação que muitos interessados pelo estudo das línguas e da linguagem têm ouvido repetir-se ao depararem-se com um curso introdutório de Linguística Geral. Mesmo sabendo que tal dizer é, no mínimo, fruto de leitura reducionista e reveladora de pensamento positivista atrelado à formação das ciências, vemos-lo propagar-se em falas de estudiosos da linguagem. E é esse o caminho que parece ter guiado e ainda estar conduzindo alguns ramos da ciência linguística até hoje. Caminho esse que, ao desconsiderar do estudo da língua, a sua produção e quem a produz, por conseguinte, enterra fundo aquilo que faz a língua existir. Como nos coloca o francês Émile Benveniste (1958), esse caráter é aquele do significar. Afinal, é só a partir do estudo que considera a presença de um sujeito na língua que se pode considerar sua significação e, portanto, sua existência.

Em investigações anteriores (SORTICA, 2011), tivemos a oportunidade de pensar nas possíveis causas dessa leitura como fruto de um movimento filosófico. Ao deixá-la de lado, pensamos como a ciência linguística deveria ser ensinada em níveis

inicias (SORTICA, op. cit.; SORTICA, em preparação), tentando propor, então, novos caminhos, resgatando as questões da significação na e da língua. O que pensávamos, no entanto, ser a principal razão dessa leitura reducionista era a ainda discutível e discutida colocação da Linguística no campo das ciências.

O problema que nos traz aqui hoje é ainda relacionado àquele primeiro (SORTICA, 2011). Ora, sabemos que, em momento algum, a fala foi excluída dos estudos saussurianos. Provas disso abundam quando verificamos as teorias do *valor* e da mutabilidade e imutabilidade do *signo linguístico*. O que temos são, no máximo, movimentos de divisão entre língua e fala, ambas constitutivas da linguagem, que, devido a razões didáticas, foram separadas. Essa separação que colocou em relevo a língua e colocou a fala em suspenso é lida hoje por muitos estudiosos da obra de Ferdinand de Saussure (BOUQUET, 1997; NORMAND, 2000; SILVEIRA, 2007, entre outros) como resultante da leitura positiv(ist)a feita do Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1916), doravante CLG, obra póstuma que fundou aquilo que conhecemos como Linguística Moderna. No entanto, também sabemos que, embora a principal e, muitas vezes a primeira, o CLG não é a única via de acesso ao pensamento fundador da Linguística e que isso cria mais possibilidades a serem exploradas em um campo já tão vasto. Mais do que isso, vemos, entre os brancos e incertezas presentes dos manuscritos do comparativista genebrino, seu pensamento semântico inacabado, conforme bem nos alertam o filósofo Simon Bouquet (1997) e a linguista Claudine Normand (2000).

É tendo consciência dos trabalhos já realizados neste campo e tentando vê-lo de forma mais ampla, que constatamos que uma das maneiras de o fazer é aventurar-se a estudar aquilo que é constituído da forma mais frágil daquilo que descende da fala

saussuriana – o som¹ –, uma vez que, sem este, aquela não poderia existir. Nosso foco, no entanto, não é de caráter estritamente epistemológico e não busca em primeiro momento investigar a constituição dos estudos do fônico na obra saussuriana e por onde, em seu vasto *corpus*, devemos buscar seu rastro. O objeto desta dissertação é, sim, pensar o ensino do programa linguístico de Ferdinand de Saussure em contextos de graduação em Letras e em áreas afins. Para isso, partimos da tese de serem o fônico, sua produção e seu papel em sistemas das línguas que unificam e que servem de ponto de partida para a constituição do pensamento saussuriano no que diz respeito ao funcionamento da linguagem. Dessa maneira, procuramos entender a construção da linguística saussuriana com base nos rastros deixados nela pelo som. Em consequência disso, refletimos possíveis maneiras de se ensinar o legado saussuriano, considerando a supremacia do fônico em seus trabalhos.

Tendo, entretanto, consciência do gênero ao qual este trabalho se subscreve, delimitamos nosso escopo às obras saussurianas de maior circulação e conhecimento (SAUSSURE, 1916, 2002), uma vez que pretendemos também mostrar como a base dos estudos sobre o fônico, assim como suas consequências para o desenvolvimento do pensamento linguístico do pensador suíço, já encontravam sua semente nessas obras. Portanto, percorremos as trilhas do CLG (SAUSSURE, 1916) e dos Escritos de Linguística Geral, ELG (SAUSSURE, 2002), não só para buscar seu ponto de partida nos estudos do fônico, mas também como o objetivo de procurar subsídios teóricos que possam, futuramente, apoiar investigações em assuntos mais obscuros, como aqueles firmados por Saussure ao estudar os Anagramas e as Lendas Germânicas, por exemplo.

¹ Quando utilizamos o termo som neste documento, raramente nos referimos a noções meramente acústicas. Referimo-nos, primordialmente, à abstração saussuriana referente ao caráter concreto da língua. Assim, falamos na possibilidade de realização de um sistema linguístico e, não, a apenas a uma unidade acústica.

Investigamos, além disso, as consequências trazidas para o pensamento linguístico pelo fato de o caminho do som poder, de fato, existir. Para isso, revisamos nossa investigação sobre a constituição do campo de estudos do fônico naquelas obras e listamos as contribuições teóricas e metodológicas para o estudo da(s) língua(s), partilhando da preocupação saussuriana de “mostrar ao linguista o que ele faz”, conforme expresso em sua correspondência a Antoine Meillet, em 1896.

Reconhecemos, além do que foi exposto, nosso trabalho como parte integrante do projeto de pesquisa *O rastro do som em Saussure: sobre o aspecto fônico da língua*. Esse projeto expõe, em linhas gerais, um roteiro de pesquisa que busca responder a duas grandes questões. A primeira delas é explorar a maneira como Ferdinand de Saussure abordou o aspecto fônico da língua. A segunda, investigar o lugar dos aspectos fônicos da língua na linguística tributária de Saussure. Sendo, pois, nossa pesquisa mais voltada a questões práticas sobre o ensino de linguística, não deixamos de lado nossas reflexões epistemológicas. Destarte, este trabalho explora, ainda que secundariamente, a constituição do campo de estudos do fônico na obra saussuriana, tentando, assim, responder parte da primeira indagação em nosso projeto de pesquisa. Nossa dissertação também é fruto das trocas com o grupo de pesquisa *O Rastro do Som*, da UFRGS e com o *Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure*, da UFU-MG.

Dedicamos, portanto, a primeira parte de nosso trabalho à obra que nos parece ser um dos principais caminhos já seguidos quando da procura dos rastros do som em Saussure, assim como aquela que mais nos traz subsídios para o ensino da ciência linguística: o *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1916). Esses caminhos, no entanto, na maioria das vezes mostraram-se reducionistas, principalmente, no que tange a leitura dos capítulos de Fonologia e de todos aqueles relacionados à materialidade do

som². Assim, faz-se necessária nossa leitura do *Curso* para mergulharmos e nos enredarmos nesta jornada. Por isso, nossa análise será destinada àquelas partes do CLG que, de uma maneira ou outra, trazem o fônico como caráter constitutivo de sua reflexão, em especial ao *Apêndice de Fonologia*, aos *Princípios Gerais* e à parte dedicada à *Linguística Sincrônica*. Não se excluem, no entanto, os capítulos dedicados à *Linguística Diacrônica* e à *Linguística Geográfica*, haja vista eles também serem, em nosso ponto de vista, desenvolvidos a partir do estudo do caráter fônico da língua. Além disso, retomamos pontos cruciais de nossa reflexão no diz respeito ao ensino de linguística (SORTICA, 2011), com vistas a entender como o fônico pode ser visto como um possível ponto de partida para o ensino e desenvolvimento de análises da língua.

No primeiro capítulo da primeira parte, questionamo-nos sobre o caráter de apêndice atribuído ao *Apêndice de Fonologia* dentro do CLG. Nesse sentido, defendemos que o capítulo, por sua localização na edição do *Curso*, assim como os preceitos de que trata, não pode ser visto como mero apêndice e, sim, como uma das mais importantes bases para a compreensão da linguística saussuriana. O segundo capítulo dessa parte trata das relações do fônico com a constituição do *signo linguístico*, considerado por muitos um dos primitivos teóricos do pensamento de Ferdinand de Saussure. Aqui, deslocamos a noção de primitivo teórico e a reencaminhamos para a própria noção de som e de fônico, já que as entendemos constitutivas do conceito de signo. No capítulo que segue, expandimos nossa reflexão ao plano da teoria do valor, também defendendo que os processos do fônico são dela constitutiva.

Na segunda parte deste documento, vislumbramos maneiras de se conceber o ensino do programa saussuriano nas universidades. Nesse sentido, no primeiro capítulo

² Para mais detalhes sobre esse aspecto, referir-se a SURREAUX, 2013.

desta parte, partimos da maneira como a docência da linguística é encarada nos primeiros semestres dos cursos de Letras e de ciências correlatas, apontando eventuais dificuldades enfrentadas por aqueles que colocam a linguística de Saussure como parte de seu programa de ensino. A esse respeito, apontamos caminhos possíveis, como aquele do ensino do pensamento do mestre genebrino a partir de seus primitivos teóricos.

Encerrando nosso percurso, ainda na segunda parte deste documento, partimos para as considerações finais, onde tentamos, finalmente, dar uma resposta (entre as inúmeras possíveis) à célebre questão saussuriana: *por onde começar?* Dessa maneira, defendemos que se queremos começar com o ensino de um programa linguístico e, de fato, mostrar ao linguista (iniciante ou não) aquilo que ele faz, devemos passar pelos primitivos teóricos da própria linguística. No caso daquela saussuriana, o fônico com um deles. Assim, convidamo-lo a entender dois princípios básicos: a delimitação da unidade de seu trabalho e os pressupostos que subjazem quaisquer análises linguísticas. Assim, destinamos esse último capítulo de nosso trabalho às questões que, ao longo dessa jornada, colocaram-se como aliadas de nossas indagações iniciais e que, por não poderem ser respondidas neste momento, serão nossas auxiliares em trabalhos futuros.

É com o intuito de responder às indagações aqui já colocadas e, de alguma forma, lançar luz àquelas que se lhes subordinam, damos início a nossa busca; uma busca que, dentre outros, pretende percorrer o rastro deixado pelo som em Saussure, investigando a constituição do campo de estudos do caráter fônico da língua e, por conseguinte, pensar o ensino de uma ciência da língua que hoje parece esquecer o caráter fônico de seu objeto, assim como aquele que dele se apropria. Ao tentamos reconstruir tais jornadas, emaranhamo-nos no que, mais do que nunca, parece-nos um

fio de Ariadne dentro de um labirinto em que, mesmo escondidos nas trevas, vários demônios nos espreitam.

PARTE I

À ENTRADA DO LABIRINTO: O SOM EM CURSO

*Os dois caos, ao se unirem,
produzem uma ordem. Não há
nada mais inútil do que querer
estabelecer a ordem separando-os.*
(SAUSSURE, F. de, 2002)

O SOM NO SISTEMA: UM APÊNDICE?

Se pretendemos nos lançar a empreitadas arriscadas, e nos deixarmos perder nos vários caminhos de um labirinto, assim como o jovem Teseu ao chegar à ilha de Creta, devemos, ao contrário do herói grego, agir com cautela. Não fosse Ariadne, uma das filhas do soberano de Creta, ter-se apaixonado pelo herói de Atenas e ter-lhe dado uma espada e um novelo de ouro, Teseu teria perecido dentro do labirinto. Como a paixão que move este trabalho é a epistemológica e abstrata, e não a física e carnal de Teseu e Ariadne, consideramos a prudência como a melhor de nossas aliadas nestes caminhos.

Nossa ressalva dá-se pelo fato de procurarmos o caminho mais seguro para trabalharmos com a constituição dos *estudos fônicos* em Saussure. Mais do que isso, pretendemos, a partir disso, propor maneiras de se abordar o programa linguístico saussuriano para recém-iniciados em linguística. Dessa forma, ao colocarmos nossa questão de pesquisa neste momento que nos chama a adentrar tal labirinto e a explorá-lo, tomamos para nós o aviso de Milner (2008:19): “Saussure é um autor claro, mas sua clareza desorienta. Além disso, há a aculturação que ele teve; o preço disso é a aparência de trivialidade: o leitor geralmente acredita retornar àquilo que lhe é bem

conhecido. No entanto, há pouca trivialidade em Saussure³.” Isso posto, perguntamos sobre o melhor caminho de entrada nesse labirinto, além de retomarmos alguns pressupostos referentes ao ensino de linguística.

Começemos, pois, como Saussure fez na introdução de seu Curso: revisitando a linguística de seu tempo. Ora, como a Linguística Moderna deve, no mínimo, sua existência à edição dos cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra, começamos por revisitá-lo(s) a fim de afastarmos um pouco as trevas do labirinto que se tornaram os Estudos da Linguagem hoje e, assim, procurar os fios do fônico que nos levem ao centro do labirinto. Antes de fazê-lo, no entanto, cabe aqui salientar que esta escolha de nos atermos, neste trabalho, ao CLG (SAUSSURE, 1916) não é nova e tampouco se deve a querermos seguir a metodologia saussuriana em sentido estrito. Claudine Normand já fez isso quando presenteou a comunidade acadêmica com a obra *Saussure* (NORMAND, 2000). Assim, além de nossa metodologia que respeita as escolhas epistemológicas de Saussure⁴, fazemos eco às palavras da pesquisadora francesa. Para ela, o CLG é “um texto de ideias, de reflexão absolutamente original sobre a linguagem, a especificidade do objeto-língua, as armadilhas da evidência e a trivialidade nas ciências humanas”. (op. cit., p.18). Dessa maneira, essa obra torna-se uma leitura indispensável para todos aqueles que aspiram a começar seu mergulho no pensamento de Ferdinand de Saussure e, portanto, leitura primeira para aqueles que se iniciam no campo da Linguística⁵. Mais do que isso, a leitura da edição dos cursos

³ No original, em francês: *Saussure est un auteur limpide, mais sa limpidité désorientante. À cela s'ajoute l'acculturation dont il a bénéficié ; son prix est l'apparence de trivialité : le lecteur croit souvent retrouver du bien connu. Or, il y a peu de trivialité chez Saussure.* Todas as traduções neste trabalho são de nossa responsabilidade, salvo quando já houver tradução para a Língua Portuguesa de referida obra.

⁴ Para saber mais sobre Saussure e seu trabalho epistemológico, ver NORMAND, 2007.

⁵ Seria inocente e reducionista de nossa parte esquecer, ainda a esse respeito, a obra *Saussure: une science de la langue*, de Françoise Gadet (1987). Nesse livro, anterior à obra de Normand (2000), Gadet revisita o *Curso de Linguística Geral*, analisando cada parte e, defendendo, acima de tudo, o empreendimento

ministrados pelo mestre de Genebra torna-se imprescindível para aqueles que desejam entender aquilo que consideramos uma das bases de sua teoria linguística: o estudo do fônico. Começamos, pois, por um primeiro recorte a fim de chegarmos aos objetivos desta sessão: investigar e entender a organização do *Curso*.

Ora, não nos é nova a polêmica em relação a autoria do Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1916)⁶. O linguista e filósofo Jean-Claude Milner (2008), estudioso da Linguística e do Estruturalismo, observa que “Saussure torna-se retroativamente seu autor [do *Curso*], mesmo que, em sentido estrito, não tenha escrito uma linha nele contida⁷” (p.18). Tal afirmação, embora resuma o sentimento de muitos pesquisadores em relação ao esforço editorial de Bally e Sechehaye, parece alertar para o fato esquecido por muitos de que, de fato, Saussure chega a autor do Curso, e que sua edição funciona bem como obra depois de sua publicação (op.cit., p.17). Mais do que isso, pensar que Saussure, de fato, estabelece uma função-autor do/no *Curso* justifica a sua escolha como *corpus* principal, haja vista ser o primeiro contato que muitos têm com a própria Linguística. Esse princípio, porém, também adquire caráter de finalização, já que partimos dele, visitamos outras fontes e, como alguém que dá voltas nos corredores de um labirinto para certificar-se de que todas as pistas que se faziam presentes naquele local foram, de fato, recolhidas e catalogadas, retomamos o *Curso* em jogo constante de conjunção e disjunção na pesquisa do fônico em Saussure.

saussuriano em constituir uma ciência da língua, assim como o caminho teórico por que o linguista genebrino passou para fazê-lo.

⁶ Para os fins deste trabalho, não pretendemos discutir o que constitui ou não o corpus dito verdadeiro de Saussure e, por isso, fazemos uso dos vocábulos *Curso* para denominar o empreendimento editorial de Bally e Sechehaye e *cursos* para as aulas de Saussure na Universidade de Genebra. Essa discussão é travada ainda hoje e temos conhecimento de sua importância. No entanto, fazemos coro à posição de Trabant (2000) e consideramos que, para os limites e propósitos da investigação que nos propomos fazer aqui, entrar nas minúcias do que vem a ser o verdadeiro ou o falso Saussure é, minimamente, percorrer com nosso leitor um caminho que, pelo menos agora, não parece ser aquele pelo qual nos enveredamos.

⁷ No original, em francês: *Saussure est devenu rétroactivement l'auteur du Cours, bien qu'il n'en ait, au sens strict, pas écrit une page.*

Esse jogo de ida-e-volta, no entanto, não é gratuito. Afinal, enveredar-se pelos diversos caminhos de um labirinto é não apenas querer certificar-se da exatidão de sua escolha, mas, por diversas vezes, ter consciência de haver trilhado o caminho errado e saber por ele retornar por onde se começou para que a aventura por outras trilhas mais proveitosas possa ocorrer. Nesse sentido, sentimos a necessidade de começar nosso percurso por um caminho que, mesmo remetendo diretamente ao sentimento do som, ainda nos parece ter sido pouco explorado dentro do *Curso – O Apêndice de Fonologia*. Apenas após isso nos sentiremos confortáveis em revisitar outros caminhos já percorridos.

Ao perdermo-nos, portanto, em um labirinto de tradição de estudos e, nele, quisermos descobrir um novo caminho ao centro, vemo-nos face a face com uma Besta representada por anos de estudos linguísticos que travam um como-dizer e, muitas vezes, o-que-não-dizer sobre o estado de coisas da língua. Como meio de lhe escaparmos, pelo menos, em princípio, começamos por observar o lugar dado à parte que, em tese, mais remete ao fônico no *Curso*: o apêndice da introdução (ou Princípios de Fonologia).

Em primeiro lugar, é interessante observar que, mais que um apêndice, os Princípios de Fonologia são colocados como algo pertencente à introdução do *Curso*. A isso, podemos tecer alguns comentários. Ora, se sabemos que o arranjo sintagmático dos elementos de um texto também lhe confere significado, colocar os *Princípios* como elemento constituinte de um ato introdutório à tentativa de uma nova ciência linguística é conferir aquilo que é tratado em tais páginas o estatuto de algo essencial ou, no mínimo, primeiro, para o entendimento daquilo que está por vir. E aquilo que se faz mister compreender é o próprio fônico.

Ao colocar a Fonologia saussuriana⁸ como algo que segue os capítulos do CLG que tratam de uma vista de olhos sob a história da linguística, assim como suas matéria, objetivo, objeto, e possíveis divisões, os editores parecem sugerir uma sequência de importância de entendimento para aqueles que desejam aventurar-se pelos caminhos de uma ciência em florescimento. Ou seja, embora ligados e, por isso, agrupados em uma mesma parte do *Curso*, parece-nos que o entendimento da fonologia saussuriana e, por conseguinte, da importância do estatuto do acústico e do fônico em sua teoria, encerra (e por que não dizer que resume?) a gama de conhecimentos necessários para se entrar nos *Princípios Gerais* de uma nova ciência. A própria organização do Curso nos diz que, antes de entendermos o *signo linguístico* em suas relações, precisamos entender aquilo que está em seu âmago: o fônico.

Outra questão vista por meio da sintagmatização realizada pelos editores do *Curso* está no fato de aquilo que chamamos de apêndice ser constituído de anotações referentes ao primeiro dos cursos ministrados por Saussure em Genebra, assim como por notas da exposição do mestre de uma teoria da sílaba, que precede a realização dos *cursos*. Na esteira do que já afirmamos, o entendimento do fônico parece ser essencial à obra saussuriana, haja vista o texto que compõe o apêndice ter sido feito cerca de uma década antes da definição e exposição do objeto da linguística e suas possíveis divisões. Estes, assim como as demais partes que fazem parte da *Introdução* e dos *Princípios Gerais* do *Curso* foram extraídos de notas relativas ao terceiro e, esporadicamente, ao segundo curso ministrado pelo mestre genebrino; aqueles, no entanto, referem-se aquilo desenvolvido no primeiro curso e em palestras anteriores a ele. Em outras palavras,

⁸ Aquilo que entendemos como a proposta saussuriana de Fonologia é diferente tanto daquilo que é hoje compreendido nos campos da Fonética quanto nos da Fonologia. Devido a isso, apresentaremos posteriormente uma sessão mais detalhada sobre este assunto. Por ora, basta ter em mente que quando nos referimos à Fonologia saussuriana não falamos de Fonética tampouco de Fonologia em suas concepções atuais.

notamos, na constante reformulação do pensamento saussuriano, algo que precede e acompanha a estruturação de sua teoria: a importância de se entender o fônico no sistema significante da língua. Afinal, a parte do que mais parece tratar daquilo que em senso estrito entende-se como fônico é colocada junto a outras relativas ao pensamento posterior de Saussure como parte de uma introdução e como elemento anterior a princípios mais coronários de uma teoria.

Aqui, como em outras partes do *Curso*, vemos Saussure aparecer como autor da obra, como bem nos advertiu Milner. Mais do que isso, aqui vemos um ponto de luz no labirinto, que ascende de um mero apêndice a uma parte constitutiva de um pensamento responsável pelo surgimento de um novo paradigma científico. Nesse sentido, vemos o despontar de um primitivo teórico que norteia uma história chamada Saussure⁹.

2.1 O SOM NO APÊNDICE: OS PRINCÍPIOS DO FÔNICO.

A parte que, para nós, apresenta os princípios dos estudos sistemáticos do fônico na obra saussuriana está, como apontamos anteriormente, localizada em um lugar estratégico dentro da organização do CLG: entre o capítulo intitulado Fonologia e a sessão que recebe o nome de Princípios Gerais. Essa disposição que, como vimos, não nos parece nada inocente, pode ser um dos primeiros passos para afastar as sombras desses caminhos tão percorridos e tão pouco explorados do ensaio inaugural da Linguística Moderna e, por conseguinte, dos estudos fonológicos que conhecemos hoje.

⁹ Por sua poesia, tomamos este termo emprestado de Normand (2000), que o utiliza para determinar o percurso do pensamento saussuriano.

Embora nos advirta que, em sua época, “a fonologia (...) não é [fosse] mais que uma disciplina auxiliar e que não releve [relevasse] nada a não ser a fala em si,”¹⁰ (SAUSSURE, 1916: 56)¹¹ Saussure logo nos esclarece que, da mesma forma que o que vale em uma peça de tapeçaria é a arte formada pelo bonito emaranhado de fios e cores e não como cada fio foi tingido, para ele, o que importa em uma análise linguística é “um sistema baseado na oposição psíquica de impressões acústicas (...), o jogo dessas oposições,¹²” (idem, *ibidem*), afinal, “quando se trata de uma língua viva, o único método racional [de análise] consiste em a) estabelecer o sistema de sons reconhecidos por observação direta e b) colocar em evidência o sistema de signos que servem para representá-los, ainda que maneira imperfeita.¹³” (op. cit., p.61). Baseados nessas afirmações, colocamos em relevo algumas questões que nos ajudarão em nossa busca pelos princípios do fônico.

Em primeiro lugar, cabe fazermos algumas observações quando Saussure (1916, p. 56) nos avisa “mais uma vez” sobre o fato de a fonologia não representar mais do que uma disciplina secundária. A primeira delas diz respeito ao entendimento de fonologia na época do linguista suíço, que se faz diferente do entendimento de fonética ou de fonologia que temos hoje. Em 1906, época em que o curso referente a tal disciplina fora ministrado por Saussure na Universidade de Genebra, o que se entendia por fonologia

¹⁰ No original, na íntegra, em francês: *la phonologie, elle, - il faut répéter – n'en est qu'une discipline auxiliaire et ne releve que de la parole.*

¹¹ Esse caráter de disciplina auxiliar corresponde à fonologia praticada na transição do século XIX ao XX, conforme nos aponta Tulio de Mauro, na nota 103 de sua edição crítica do CLG. À época, esse ramo dos estudos linguísticos tinha por objetivo descrever os princípios articulatórios da produção dos sons utilizados nas línguas, sem se preocupar com seu papel específico em línguas dadas.

¹² No original, em francês: *un système base sur l'opposition psychique de ses impressions acoustiques [...] c'est le jeu de ces oppositions [...]*

¹³ No original, em francês: *Quand il s'agit d'une langue vivante, la seule méthode rationnelle consiste : a) à établir le systême des dons tel qu'ilbest reconnu par l'observation directe ; b) à mettre em regard le systême des signes qui servente à représenter – imparfaitement – les sons.*

eram os estudos articulatórios dos sons produzidos em determinadas línguas; a fonética, por outro lado, era entendida como ciência de caráter histórico, que analisava as diferenças dos sons de uma língua em diferentes períodos de tempo. Assim, a fonologia ganhava caráter meramente auxiliar, haja vista “o mecanismo de articulação [dos sons] parecer sempre o mesmo” (idem, *ibidem*). No entanto, e isso pode ser visto de maneira mais clara no apêndice de fonologia do CLG, assim como nos ELG e outros manuscritos, aquilo que Saussure pretendia sistematizar como estudo fonológico das línguas fugia à tradição comparatista alemã de Franz Bopp (cf. MOPURGO DAVIES, 2006). E é aqui que nossa segunda observação se apresenta: como seus trabalhos com o indo-europeu e outros trabalhos de ordem comparativa já eram “dominados por conceitos de sistema, de elementos distintivos e de contraste¹⁴” (op. cit., p.26), aquilo que o linguista suíço trazia como o ideal de uma fonologia no Curso é algo muito mais próximo daquilo que concebemos hoje como o estudo sistemático dos sons de uma língua, uma vez que se interessava pelos elementos diferenciais dos fonemas dentro de um dado sistema (SAUSSURE, 1916:68).

Em segundo lugar, afirmar que a fonologia de sua época não revela nada além da fala (SAUSSURE, 1916:56) significa dizer que a fonologia era uma ciência de caráter puramente articulatório (algo como nossa fonética contemporânea¹⁵), já que ao colocar a fala em suspenso quando da definição do objeto da linguística (op. cit., p.30), Saussure colocava de lado aquilo que é puramente individual – o ato articulatório – e não o ato de enunciação, já que é somente a partir desse último que se tem acesso ao sistema da língua (BENVENISTE, 1970). Essa afirmação pode, entretanto, criar a falsa

¹⁴ No original, em inglês: *there is little doubt that the historical comparative work by Saussure is dominated by the concepts of system, of distinctive characters, of contrast.*

¹⁵ Sobre a evolução do termo fonética e fonologia, ver notas 102 e 103 do trabalho da edição do CLG preparada por Tulio de Mauro.

noção de que a fonologia saussuriana é, na verdade, uma fonética articulatória e que tem base tão-somente na audição e recepção dos sons, uma vez que ao começar o apêndice à introdução do Curso, o mestre lança mão de descrições detalhadas sobre o funcionamento do aparelho vocal para poder chegar a uma definição satisfatória para o objeto de seu estudo fônico. Além disso, fazer um estudo tão detalhado da articulação dos sons produzidos por nosso aparelho fonador (SAUSSURE, 1916:66 et seq.) pode parecer contraditório com o propósito saussuriano apontado anteriormente, já que, quando pensamos no fazer linguístico contemporâneo, especialmente naquele oriundo do desenvolvimento da teoria fonológica gerativa a partir dos trabalhos de Chomsky e Halle (1968), considerar o sistema e suas oposições parece não dar lugar para considerar a particularidade de cada falante nem de suas articulações. O que Saussure faz, na verdade, é admitir que no jogo linguístico ambos esses campos (embora não todos, como veremos mais adiante) fazem diferença para a descrição de uma língua, pois “não só a impressão produzida na orelha¹⁶ nos é dada de maneira tão direta quanto a imagem motriz dos órgãos, mas ainda mais é ela que é a base natural de toda teoria¹⁷” (SAUSSURE, 1916:63), de modo que a primeira unidade discreta de análise do fônico no CLG, o fonema¹⁸, é caracterizado como “a soma das impressões acústicas e dos

¹⁶ Embora nos pareça mais idiomático traduzir *oreille* por ouvido e, não, por orelha, em Língua Portuguesa, mantivemos ao longo deste trabalho este último, pois o vocábulo adquire estatuto de termo na obra saussuriana, não se referindo apenas a um órgão do corpo humano.

¹⁷ No original, em francês: *non seulement l'impression produite sur l'oreille nous est donnée aussi directement que l'image motrice des organes, mais encore c'est elle qui est la base naturelle de toute nature.*

¹⁸ Em seus cursos na Universidade de Genebra, bem nos adverte de Mauro em nota (DE MAURO, 1956:432-435), Saussure não utiliza o conceito fonema como hoje compreendido e, sim, refere-se a sons em um sistema. O termo presente no texto a que temos acesso hoje parece ter sido fruto de uma modificação feita pelos editores, haja vista o desenvolvimento do termo à época da edição do *Curso*. No entanto, devemos tomar a observação de Mauro com cuidado, haja vista os manuscritos de Harvard (MARCHESE, 1995:91), assim como os próprios Escritos de Linguística Geral (SAUSSURE, 2002:125), já nos colocarem um Saussure preocupado com a terminologia e com o termo fonema. De valor semiológico (oposição em um sistema) à totalidade de som percebida em um dado momento, o mestre genebrino tenta definir a unidade mínima do som de várias maneiras, de modo que antes dos cursos de

movimentos articulatorios, da unidade que se entende e da unidade que se fala, de modo que uma condiciona a outra, sendo já assim uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia [da articulação e do sistema]¹⁹” (op. cit., p.65). Daqui deriva nossa próxima e última observação antes de estudarmos mais atentamente o apêndice de fonologia do Curso.

Em terceiro lugar, e a fim de evitar duplicidade de termos que não nos será produtiva ao longo deste trabalho, colocamo-nos como estudiosos das concepções supracitadas e explicitamos nossa escolha pelo sintagma *estudos do fônico*²⁰ em detrimento de *estudos fonológicos* ou *estudos fonéticos*. Como bem se lê no título desta dissertação, buscamos compreender a constituição dos estudos do fônico dentro da linguística saussuriana e, a partir disso, propor maneiras de ensiná-la. Dito de outro modo, como não podemos definir aquilo que foi proposto por Ferdinand de Saussure no CLG como algo restrito ao estudo articulatorio, tampouco ao estudo do sistema sem considerar aquilo que é feito pelo falante, referimo-nos ao ensaio epistemológico do linguista genebrino como estudos do fônico, sintagma que acreditamos carrega a duplicidade constitutiva da linguagem e dos estudos a que Saussure se destinava.

2.2 O SOM NO APÊNDICE: O FÔNICO EM SEU PRINCÍPIO.

linguística geral em Genebra, o linguista suíço já utilizava o termo fonema. De qualquer maneira, parecemos terminologicamente cauteloso tratar os estudos saussurianos como ligados ao fônico e não ao fonema, como veremos durante este trabalho.

¹⁹ No original, em francês: *le phonème est la somme des impressions acoustiques et des mouvements articulatoires, de l'unité entendue et de l'unité parlée, l'une conditionnant l'autre : ainsi c'est déjà une unité complexe, qui un pied dans chaque chaîne.*

²⁰ O sintagma de que nos utilizamos ao longo deste trabalho, estudos do fônico, relaciona-se à pesquisa compreendida pela pesquisadora Luiza Ely Milano ao longo dos últimos 5 anos. Além disso, a apropriação que fazemos desse termo marca nossa subscrição ao seu grupo de pesquisa.

Tomando como base a essência dupla do fônico que defendemos até aqui, faz-se mister também compreender a organização do apêndice à introdução do CLG conforme avançamos em sua análise. Assim, além de nos determos na análise de trechos de cada uma dessas partes, para lançarmos mais luz sobre nossos caminhos, também tentaremos entender o movimento didático e epistemológico feito por Saussure ao tratar cada parte desse apêndice. Nesse sentido, vale lembrar à guisa de introdução que o apêndice na verdade tem por título *Princípios de Fonologia* e que se divide em dois capítulos – o primeiro é intitulado *As Espécies Fonológicas*; o segundo, *O Fonema na Cadeia Falada*.

Precedido pelo capítulo da Introdução do Curso denominado *A Fonologia*, o primeiro capítulo dedicado aos *Princípios* trata daquilo que Saussure chama de espécies fonológicas, ou seja, o fonema. Para fazê-lo, no entanto, passa-se pelo funcionamento do aparelho fonador e por aspectos referentes à classificação dos sons a partir de sua articulação. É possível, portanto, ver um movimento epistemológico para tratar de fonemas já que a definição de espécies relevantes ao sistema de uma língua encontra-se atrelada às noções de articulação fonética. Nesse sentido, Saussure afirma que “a delimitação dos sons da cadeia falada não pode, então, repousar a não ser na *impressão acústica*; no entanto, para fazer sua descrição, iremos por outro caminho²¹” (SAUSSURE, 1916:65). É a partir desse outro caminho que o linguista genebrino introduz, ainda que não explicitamente, a noção de *valor* – seu grande marco teórico:

enumerar esses fatores de produção do som não é mais determinar os elementos diferenciais dos fonemas. Para classificar esses últimos, é bem menos importante saber-se de que eles consistem do que o que os distingue uns dos

²¹ No original, em francês: *La délimitation des sons de la chaîne parlée ne peut donc réposer que sur l'impression acoustique; mais pour leur description, il en va autrement.*

outros. Ou um fator negativo pode ter mais importância que um fator positivo²². (op. cit., pp. 68-69)

Ao trazer à tona a noção de diferença e de negatividade como fatores mais importantes para definir o que acreditava ser a unidade mínima de análise de uma língua, Saussure aponta que o caminho que irá seguir para fazer descrições de sistemas linguísticos – aquele outro caminho a ser tomado – será aquele caminho do estudo das espécies fonológicas; ou seja, aquilo que é distintivo em termos de significação dentro de um sistema, independentemente de suas particularidades articulatórias. Assim, quando “o testemunho da orelha” (SAUSSURE, 1916:93) ou “a qualidade das impressões” (op. cit., p.64) são evocados para análise de segmentos de fala, nada mais se está invocando do que o ouvido do falante de determinada comunidade linguística²³. Em outras palavras, quer-se entender o que, para esse falante (ou para esse conjunto de falantes), é distintivo em questões de espécies fonológicas, de maneira abstrata, de modo que aquilo que é concreto e apreensível, os movimentos articulatórios para a produção de um som, só será relevante para análise a partir do momento que distinguir significado. É aquilo que Émile Benveniste (1969) coloca, analogamente, quando afirma que “chapéu” significa e, portanto, faz parte de uma língua, ao passo que o mesmo não ocorre com o exemplo “chaméu”.

Ainda no contexto das consequências da definição da unidade de análise de sua proposta de estudo do fônico, faz-se mister sublinhar que, quando analisamos

²² No original, em francês: *Mais énumérer ces facteurs de production du son, ce n'est pas encore déterminer les éléments différentiels des phonèmes. Pour classer ces derniers, il importe bien moins de savoir en quoi ils consistent que ce qui les distingue les uns des autres. Or un facteur négatif peu avoir d'importance pour la classification qu'un facteur positif.*

²³ Também fruto das reflexões empreendidas por Milano (2013), o lugar do ouvinte na reflexão saussuriana vem sendo trabalhado pela pesquisadora Aline Stawinski. Para análises mais aprofundadas a esse respeito, referir-se a Stawinski (2016).

segmentos de uma cadeia falada, estamos, na verdade, analisando tempos homogêneos (e abstratos) e que este será o ponto de partida dos estudos fonológicos, de modo que será possível analisar os fragmentos da fala, os sons, ou sua espécie, o fonema (SAUSSURE, 1916:61). Esse tempo abstrato, vale lembrar, é baseado nas impressões acústicas do falante e é isso que determinará a análise de índices linguísticos na fala²⁴. Assim, para determinar como esses sons podem, quando espécies abstratas, ocupar esse tempo e causar impressões no ouvido do falante, o professor suíço, analisa aspectos de funcionamento articulatorio dos diferentes sons e, a partir disso, propõe que eles sejam caracterizados a partir de seu grau de abertura, de modo que as oclusivas terão abertura 0; as fricativas e africadas, 1; as nasais, 2; as líquidas, 3 e assim por diante, de modo que a maior abertura será aquela dos sons [ã] e [a], caracterizados por Saussure (op. cit., pp.71-76) como de abertura grau 6²⁵. A partir desses pressupostos, desenvolve-se a teoria saussuriana da sílaba, presente em grande parte do segundo capítulo dos *Princípios*.

2.3 O SOM NO APÊNDICE: O FÔNICO EM ANÁLISE.

No capítulo *O Fonema na Cadeia Falada*, Saussure defende a necessidade de se estudar os sons a partir daquilo que é entendido pelos falantes de uma língua e não necessariamente a partir dos sons isolados de um dado sistema linguístico. Assim,

²⁴ A proposta gerativa autosegmental de Clements (1985) e de Clements e Hume (1995) desenvolve bastante a noção deste tempo abstrato, colocando-a como pressuposto teórico ao desenvolver representações de nós e traços hierarquizados ao segmento correspondente a cada tempo. É interessante notar nessa proposta fonológica denominada *Geometria de Traços* que, embora não haja referência ao trabalho saussuriano, os segmentos analisados são classificados em relação à quantidade de tempos abstratos (X) que ocupam em relação à linha prosódica.

²⁵ As noções de abertura, mesmo que não sejam aquelas colocadas por Saussure em seu *Curso*, ainda são bastante utilizadas em trabalhos que tomam por base as correntes gerativas de fonologia não-linear.

compreende que é a partir de sílabas que esse entendimento dos falantes pode ser analisado, haja vista elas se prestarem melhor para a análise se comparadas aos sons que as compõem isoladamente. A isso soma-se o fato de a fonologia (aquela da época do professor genebrino) “esquecer que, na língua, não há somente sons, mas trechos de sons falados” e não dar “a atenção devida às suas relações recíprocas.”²⁶ (SAUSSURE, 1916:77). Nesse sentido, o pai da linguística contemporânea propõe, a partir das noções de plosão e implosão de grupos silábicos, os tais trechos de sons falados compreendidos pelos falantes, a descrição de uma parte dos sistemas linguísticos: aquele ligado à relação entre os sons.

Antes, no entanto, de se debruçar sobre os grupos consonantais e vocálicos, Saussure reflete sobre a escolha e delimitação de tais grupos, fundando seu argumento sobre a noção do efeito que determinado grupo sonoro tem sobre a orelha do falante, isto é, sobre a *impressão acústica* que determinado grupo fonemático dá a determinado integrante de uma comunidade linguística. Sobre isso, o mestre é categórico: a pesquisa deve-se pautar no efeito produzido e não no desejado. (SAUSSURE, 1916:78-79). A esse respeito, cabem algumas observações de nossa parte.

É necessário esclarecer aquilo que chamamos, juntamente com Saussure, de efeito sobre a orelha de um falante ou, em termos mais gerais, de *impressão acústica*. Embora não apareça nenhuma definição positiva na obra do suíço a respeito desse termo, é possível descrevê-lo a partir das articulações teóricas empreendidas por ele. Assim, para os fins deste trabalho, definimos como *impressão acústica* aquilo que o falante, de fato, entende em um dado contexto de fala. Ou seja, aquilo que é produzido por um falante em interação com outro em termos articulatórios não é de caráter

²⁶ No original, em francês: *cette phonologie est particulièrement en default ; elle oublie trop qu'il y a dans la langue non seulement des sons, mais des étendues des sons parlés ; elle n'accorde pas encore assez d'attention à leurs rapports réciproques.*

primordial nas análises linguísticas desse porte. Se determinado falante produz a sequência de sons

(1) [b][a][l][a]

e seu interlocutor, por algum motivo, entende

(2) [p][a][l][a],

tendo a *impressão* que ouviu uma oclusiva bilabial desvozeada em vez de uma oclusiva bilabial vozeada como o primeiro som da sequência e, mais que isso, reconhece o elemento [pala] como pertencente ao sistema lexicomorfofonológico do grupo linguístico do qual faz parte, o elemento dito, via de regra, e relevante para a análise, será

(3) [p][a][l][a].

Nesse sentido, é um grupo som-sentido que configura a unidade de análise de um sistema linguístico. Mais tarde, ainda no *Curso* (SAUSSURE, 1916), Saussure chama esse grupo de *signo linguístico*. Como analisaremos em detalhe esse grupo no próximo capítulo deste trabalho, partimos para outras observações pertinentes sobre a noção de *impressão acústica* e sobre os fundamentos da análise saussuriana.

Ora, se entendemos que é a partir daquilo que o falante de uma língua entende que o ajudará a fazer o inventário de sons pertencentes a uma língua, assim como o de suas possíveis variações, visto que a “qualidade acústica do fonema, sem dúvida, é

determinada pela orelha,²⁷ (SAUSSURE, 1916:78), é necessário entender, e aqui especulamos conjuntamente ao filósofo da linguagem Michel Arrivé (2007), que já no Curso encontra-se o episteme de uma linguística do falante, da fala, e não tão-somente da língua²⁸. Assim, infere-se que na linguística desenvolvida por Saussure, para se chegar ao sistema linguístico, a língua, objeto último de descrição científica, é necessário tomar o testemunho daqueles que a usam: os falantes. De maneira análoga, é como se quiséssemos escrever o mapa detalhado do labirinto em que estamos presos sem, porém, entrar nele e vê-lo apenas por fora. Se vemos o emaranhado de caminhos de cima, conseguimos traçar, de maneira primária, os caminhos por onde passaremos para chegar ao centro do labirinto e, dele, seguirmos para outros caminhos. Esquecemos, entretanto, que não estamos sozinhos nesse labirinto: dentro dele há um monstro que, como nós, move-se aleatoriamente pelos caminhos a que está preso. Assim, a descrição detalhada e realmente fiel a ele necessariamente passará pela análise daquilo que se quer evitar: o monstro. A língua é o labirinto: alegoria composta de vários caminhos estritos; o Minotauro é o falante. Sem ele, o labirinto e seus inúmeros perigos não existiriam.

2.4 A TEORIA SAUSSURIANA DA SÍLABA

²⁷ No original, em francês: *la qualité acoustique du phonème ne fait pas question: elle est fixée par l'oreille.*

²⁸ Essa linguística será desenvolvida mais tarde pelo sírio Émile Benveniste, ao propor uma linguística de segunda fase (BENVENISTE, 1969) que, baseada na construção de subjetividade e, por conseguinte, de significado a partir de trocas linguísticas de um locutor com seu alocutário e com outros, ganhará no meio acadêmico o nome de Linguística da Enunciação (cf. FLORES et al, 2009). Assim como Benveniste, no entanto, outro ávido leitor de Saussure, o russo Roman Jakobson já prevê certos usos da língua modificados a partir da perspectiva do falante, ao estudar aquilo que chamou de *shifters* (JAKOBSON, 1957).

Como Saussure nos demonstra uma forma de análise que leva em consideração aquilo que o falante faz, de fato com a língua? Partindo do pressuposto que é “praticamente impossível discutir a questão das soantes se não em uma apreciação exata das leis que regem a combinação dos fonemas²⁹” (SAUSSURE: 1916:79), o linguista genebrino parte para observações fundamentais sobre a constituição silábica a partir de suas diferenças internas, tal como feito pelos falantes das línguas. Nesse sentido, Saussure sublinha que, dentro de uma sílaba, podemos ter aquilo que chama de sons *de fechamento* e *de abertura*³⁰ (op. cit.:80). É o estudo dessas funções dos sons que fará possível a descrição da estrutura de certos aspectos da fala, como as combinações entre grupos de fechamento e de abertura, a determinação da fronteira de uma sílaba, a importância dos grupos vocálicos na sílaba, entre outros. Explicamos, então, como se dão essas descrições linguísticas.

Seguindo o princípio que “a fonação supõe uma sucessão de implosões e de explosões, e que essa é a condição fundamental da silabação³¹” (SAUSSURE, 1916:90), investigam-se as combinações dos grupos explosivos e implosivos dentro da cadeia falada. A partir disso, entende-se que quatro combinações são possíveis: a explosão-implosão, a implosão-explosão, a cadeia explosiva (sucessivas aberturas) e a cadeia implosiva (sucessivos fechamentos). Dentro dessa gama de combinações, se dentro de uma cadeia sonora, há passagem de uma implosão a uma explosão, temos aquilo que

²⁹ No original, em francês: *il devient presque impossible de discuter la question des sonantes en dehors d'une appréciation exacte des lois qui régissent la combinaison des phonèmes.*

³⁰ No original, em francês: *on peut parler de sons fermants et des sons ouvrants.* Aqui, escolhemos não manter a tradução literal por acreditarmos que essa nomenclatura representa melhor a função desses sons: influenciar na abertura ou no fechamento daqueles que a eles se unem.

³¹ No original, em francês: *la phonation suppose une succession d'implosions e d'explosions, et c'est là la condition fondamentale de la syllabation.*

Saussure chama “um efeito particular que é o índice da fronteira de sílaba³²” (op.cit.:86). Demonstramo-lo com uma palavra em português com sílabas compostas de maneiras diferentes: anticonstitucionalissimamente. Em transcrição fonética, temos

(4) [ãⁿʃikõⁿstʃitusjona[|]lisima[|]meⁿʃi[|]]

e seguindo a transcrição de explosões e implosões prevista por Saussure, temos a sequência

(5) >><<><>>><<><><<><><<><><<><>><<>,<>>

em que as sequências > < caracterizam fronteira silábica, a saber:

(6) [ãⁿ. ʃi. kõⁿs. ʃi. tu. sjo. na. li. si. ma. meⁿ. ʃi[|]]

Sobre essas demarcações de fronteira, seguem algumas observações.

Primeiramente, pode ser visto que os elementos responsáveis pela implosão principal em cada sílaba são as soantes, enquanto os responsáveis pela maioria das explosões são elementos adjacentes às soantes. A estes, Saussure chama consonantes; àqueles, soantes (1916:87). Vale ressaltar, no entanto, a seguinte questão: “os termos vogais e consoantes designam [...] espécies diferentes; soantes e consonantes designam,

³² No original, em francês: *Si dans une chaîne de sons on passe d'une implosion à une explosion (>l<), on obtient un effet particulier qui est l'indice de la frontière de syllabe.*

ao contrário, funções dentro da sílaba³³” (idem, *ibidem*). Tomemos a sílaba [sjo] do nosso exemplo à guisa de explanação: os sons [s], [j] e [o], em princípio, designam duas espécies diferentes: consoante e vogais, respectivamente. No entanto, isso não dá conta das funções intrassilábicas exercidas por esses sons. Embora não nos seja novidade que o falante ouve diferenças entre o som [j] e o som [o], apontado aquele como “mais fraco”, a formalização de tal diferença da ordem do ouvido se dá devido à formalização feita por Saussure (idem, *ibidem*), haja vista só o som [o] atuar como soante na sílaba em questão, ao passo que os sons [s] e [j] atuam como consonantes, já que apenas [o] é responsável pela implosão dentro daquela sílaba. Assim, esse som carregará, nesse caso, aquilo que Saussure denomina *efeito vocálico*³⁴. A outra vogal, nesse caso, corresponderia àquilo que Câmara Jr. (1953, 1970) classifica como semivogal³⁵.

Outro fator interessante que podemos observar no exemplo acima é como sons nasalizados apresentam caráter tipicamente implosivos, juntando-se às vogais as quais se unem, especialmente nos casos de ditongo, o que, para Saussure (1916), “não passa de um caso especial de fenômeno implosivo [...] em que o segundo fonema é relativamente aberto, tendo-se uma *impressão acústica* particular: diz-se que a soante

³³ No original, em francês: *Les termes de voyelles et consonnes désignent [...] des espèces différentes : sonantes et consonantes désignent au contraire des fonctions dans la syllabe.*

³⁴ Embora a nomenclatura possa parecer confusa, o efeito vocálico de um som é a sua propriedade de, dentro de determinada sílaba, apresentar-se como o som que caracteriza ou que começa um grupo implosivo. Sua relação com as vogais dá-se meramente por seu nome. Isso fica evidente se considerarmos várias línguas de raiz anglo-germânica em que tal efeito vocálico se dará a uma consoante. Assim, sublinhamos mais uma vez, junto a Saussure, que vogal e consoante tratam de espécies, ao passo que sonante e consonante, de funções.

³⁵ Embora a discussão entre o que é semivogal e consoante em uma língua seja bastante produtiva e extensa, não pretendemos entrar nessa ceara neste trabalho. Basta dizermos que, já em Saussure, aparece a preocupação com a diferença entre as funções entre unidades, de modo que o linguista, com base na *impressão acústica* dos falantes, não se contenta com espécies pré-estabelecidas. Para mais informações sobre essa discussão, ver Câmara Jr. (1953, 1970), Battisti e Vieira (2014) e Silva (2014).

continua no segundo membro do grupo³⁶” (p. 92). Se examinarmos essa afirmação com cuidado, veremos algo interessante: no caso das sílabas

(7) [ãⁿ],

(8) [kõⁿs] e

(9) [meⁿ],

a nasalização das sonantes dá-se justamente pelo contato com uma consonante nasal, formando o ditongo, já que, as sonantes “puras” continuariam no outro membro do grupo, o que daria ao falante a *impressão acústica* de vogais nasais. Assim,

(10) [a] + [N] → [ãⁿ]³⁷.

Por esse mesmo processo, temos

(11) [ko] + [N] + [s] → [kõⁿs] e

(12) [me] + [N] → [meⁿ] ou ainda

(12a) [me] + [N] → [me^{ñ}],

³⁶ No original, em francês: *Ceci éclaire la question de la diphtongue. Elle n'est qu'un cas spécial du chaînon implusif [...] une diphtongue est un chaînon implusif de deux phonèmes dont le second est relativement ouvert, d'où une impression acoustique particulière : on dirait que la sonante continue dans le second élément du groupe.*

³⁷ Para representar os processos que aparecem quando da junção de dois fonemas, optamos pelo código normalmente utilizado nos trabalhos internacionais de fonética e fonologia, uma vez que pretendemos uma leitura mais amigável ao leitor minimamente iniciado no campo. Note-se, entretanto, que não seguimos esses preceitos à risca, não diferenciando fones de fonemas ou utilizando marcações comuns no campo como [a] ou /a/, já que aquilo que entendemos como fonologia de base saussuriana não separa, necessariamente, a articulação dos processos que ocorrem no interior do sistema linguístico. Embora privilegie esse último, é a partir da impressão do falante (que também passa pela articulação), que se podem pensar nos processos que ocorrem na língua. Assim, para marcarmos os sons, utilizamos [a].

em que o aparecimento de uma vogal consonante entre a sonante e a consonante nasal se justifica pela continuidade do som [e] que, no processo, se enfraquece, e se eleva, apresentando um som [j], também nasalizado devido à influência da consonante e de seu padrão de continuidade³⁸. Obviamente, a discussão sobre nasalidade e ditongação é muito mais complexa do que aquilo exposto em (10), (11), (12) e (12a) e ainda causa muitas controvérsias entre linguistas contemporâneos. Entretanto, mais uma vez, é interessante ver que se podem inferir, a partir do *Curso* (SAUSSURE, 1916), questões que ainda são pertinentes à linguística contemporânea³⁹.

Um último caso interessante de se levantar é aquele que ocorre em (11), desta vez não pela nasalização da sonante, mas pela quantidade de elementos que compõem a sílaba. Algumas teorias contemporâneas da sílaba (BISOL, 1992, 1999, 2003; COLLISCHONN, 2014) consideram que sons fricativos como o [s] ou o [ʃ], ambos alofones do arquifonema /S/, quando em final de sílaba, aparecem ou na última posição possível em uma sílaba (CC)VC ou por adjunção em caso de sílabas (CC)VCC. Embora essa posição da adjunção silábica, o que dá um caráter mais básico ao fonema, possa ser comprovada especialmente pelos processos de ressilabação em fronteira de sílaba em palavras fonológicas (BISOL, 1996), Saussure (1916:86) trata esse fonema “adjunto” à sílaba como algo que normalmente pertenceria à sílaba, haja vista estar ligada à cadeia implósiva dentro dela, como é possível ver em (5) e (6).

Longe de investir nas diferenças, pretendemos apontar mais as aproximações do que as diferenças entre as teorias, ressaltando que isso se dá justamente por serem fruto

³⁸ Não se pode esquecer, entretanto, que essa mudança tem caráter fonológico e que, dependendo da variação, essa mudança pode ser mais leve ou significativa.

³⁹ Sobre nasalização e ditongação, ver Câmara Jr., (1970), Mateus (1975), Hajek (1997), Bisol (2002), Silva (2014), Collischonn (2014) e Battisti e Vieira (2014).

de diferentes pontos de vista. Assim, consideramos produtiva a discussão e a comparação de pontos de vista, já que vimos em Saussure a base de um pensamento da ordem do fônico em relação aos estudos linguísticos e isso se evidencia nos capítulos que compõem o apêndice à introdução do *Curso*.

2.5 UM APÊNDICE, AFINAL?

No caminho que percorremos neste capítulo, interrogamo-nos se o som e os estudos do fônico podem ser considerados, de fato, um apêndice ao *Curso de Linguística Geral*. Após analisar o conteúdo dos capítulos que compõem tal adendo, podemos afirmar peremptoriamente que não. As principais razões para tal se devem i) ao posicionamento do apêndice dentro do *Curso*; ii) ao conteúdo desenvolvido nesse capítulo e iii) às argumentações teóricas expostas no capítulo.

Quando nos referimos ao posicionamento do apêndice dentro do CLG, entendemos não ser à toa ele estar entre a introdução, que define, entre outros aspectos, o objeto da linguística, e a primeira parte, que trata dos princípios gerais de tal ciência. Assim, conhecer os estudos da fonologia saussuriana (que chamamos estudos do fônico) parece ser algo que adentra o objeto de uma ciência que visa a se constituir e que se coloca como pressuposto para o entendimento dos princípios norteadores dessa ciência, como sua própria unidade de análise. Nesse sentido, o conteúdo desenvolvido nos dois capítulos do apêndice é de grande importância para entendermos o que é, de fato, a tal fonologia saussuriana.

Mesclando aspectos do que hoje conhecemos como fonética articulatória e fonologia pura, a fonologia saussuriana engloba esses dois aspectos, embora aquilo que a diferencie das duas seja a consideração estrita do falante, da *impressão acústica* e

do *valor*, em sua análise. Sabemos que Saussure tem uma tendência a pensar a língua e seus processos, mas aquilo que subjaz seu programa teórico é, como veremos, o próprio fônico, a *impressão acústica* e, por conseguinte, o sujeito-falante. Assim, o linguista suíço ousa analisar processos pontuais da língua ao longo de seu curso, como a silabação (mencionada neste capítulo) e a analogia (trataremos dela no capítulo 5 deste trabalho).

Tendo isso em mente, vemos que, de fato, o estudo do fônico não pode ser visto como mero apêndice. Fazer isso seria reduzi-lo a uma posição secundária em todos os estudos linguísticos, mesmo quando, para muitos, ele constitui o nível mais básico de análise da língua. E é para que continuemos trabalhando nesse nível básico de análise linguística que devemos nos emaranhar nas veredas do labirinto que queremos descrever. Para fazê-lo, no entanto, parece que só há uma única maneira: encarar a Besta que nele habita.

O FÔNICO: PRINCÍPIOS GERAIS DE UMA LINGUÍSTICA?

Como vimos no capítulo anterior deste trabalho, o estudo do fônico em Saussure, assim como as bases que o constituem, pressupõe, antes de tudo, a aceitação de um sujeito falante⁴⁰ e de um sujeito ouvinte, haja a vista as transformações por que os sons de uma língua passam ao serem enunciados. No entanto, entender que o trabalho nesse nível linguístico nos demanda acatar a necessidade da existência da Besta para que o próprio labirinto da língua exista não é suficiente para o que nos propomos a estudar aqui. Em outras palavras, isso é tão-somente (re)afirmar o óbvio. Dessa maneira, procuramos neste capítulo ir além de tais afirmações e continuarmos nossa busca pelo fônico nos corredores sombrios dos sistemas linguísticos, buscando agora compreender como aquilo tido como a noção teórica essencial aos estudos saussurianos evoca o fônico e como, ao fazê-lo, sela a importância deste em relação ao todo jogo de xadrez a que se assemelha a língua.

⁴⁰ Utilizamos, neste trabalho, o sintagma sujeito falante repetidas vezes. Não o fazemos à toa. O Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1916) em sua edição francesa traz essas palavras inúmeras vezes, o que nos faz pensar não só na necessidade em endossar as palavras do mestre e tratá-las como termo de sua teoria linguística, mas também e, principalmente, na dissociabilidade dos dois termos. Isso se dá pelo seguinte motivo: quando pensamos em língua, pensamos em quem a produz, quem coloca o sistema linguístico em jogo; logo, pensamos em um falante. Além disso, esse falante é também um sujeito, pois é tão-somente a partir de seus processos de subjetividade que é possível colocar o sistema da língua em uso. Para mais detalhes, ver *O Aparelho Formal da Enunciação* (BENVENISTE, 1970).

No primeiro momento desta sessão da dissertação, exploramos a noção de signo linguístico tal como desenvolvida por Saussure no *Curso* (1916), apoiando-nos, ainda, em passagens dos *Escritos* (2002) e de outras obras manuscritas do linguista suíço para fins de esclarecimento ou de contraponto. Nosso foco, entretanto, será aquilo disponível na obra fundadora da Linguística Moderna, haja vista ser aquela que poderia mais e mais servir de base ao ensino de Linguística em seus níveis iniciais⁴¹. A partir disso, investigamos suas contribuições filosóficas para o estudo das línguas e sublinhamos a importância do caráter significante do signo linguístico.

Dando continuidade a este capítulo, analisamos os caracteres arbitrário e mutável do signo linguístico, associando-os à sua faceta significante. A partir disso, buscamos entender como ambos se relacionam e a maneira como são responsáveis por eventuais mudanças dentro de um sistema linguístico. Para isso, também nos utilizamos das bases epistemológicas presentes no CLG (SAUSSURE, 1916), e apenas recorremos às outras obras saussurianas em caso de complementação teórica ou de desambiguação.

Finalizamos esta sessão da dissertação retomando nossas especulações teóricas e apresentando nossas considerações parciais, ao mostramos como o fônico não só é a base da constituição do signo linguístico, mas também como, por causa disso, ele pode ser considerado como uns dos primitivos teóricos de toda obra linguística saussuriana. Assim sendo, retomemos o signo linguístico e a maneira como aparece no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1916).

3.1. O SIGNO E SUA CONSTITUIÇÃO: O FÔNICO EM JOGO.

⁴¹ Sobre isso, ver Sortica (2011) e a segunda parte desta dissertação.

A noção de signo linguístico, assim como concebida por Ferdinand de Saussure nos cursos ministrados em Genebra, dialoga, em primeiro lugar, com a filosofia corrente nos séculos XVIII e XIX. As próprias passagens dos Princípios Gerais do Curso nos apontam isso ao, em suas primeiras páginas, retomarem a tradicional discussão aparência *versus* essência que, em termos linguísticos, toma o contorno objeto *versus* palavra. A esse respeito, Saussure (1916) é categórico:

[...] essa concepção é criticável por diversas razões. Ela supõe, com efeito, ideias pré-existentes às palavras; ela não nos diz se o nome é de natureza vocal ou psíquica [...]; enfim, ela torna possível a suposição de que o elo que une um nome a uma coisa é uma operação, de fato, simples, o que está bem longe de ser a verdade (p. 97)⁴².

Entretanto, Saussure (op. cit.) nos alerta de que essa visão simplista da língua chama a atenção para o caráter do signo como “uma coisa dupla feita da relação de dois termos” (p. 98)⁴³. Assim, Saussure fará duas alterações principais em termos de nomenclatura naquilo que diz respeito ao signo linguístico. Abandonada a ideia defendida pelos estudos filosóficos, o linguista genebrino propõe que a unidade de análise da língua une um *conceito* e uma *imagem acústica* (idem, ibidem), o que mais tarde chama, respectivamente, significado e significante (p. 99).

A mudança de nomenclatura das partes constitutivas do signo linguístico está longe de ser gratuita e isso diz muito respeito a sua constituição. Se lermos atentamente aquilo que está escrito no CLG (SAUSSURE, 1916), notaremos que essa mudança se dá

⁴² No original, em francês: *Cette conception est critiquable à bien des égards. Elle suppose des idées toutes faites préexistant aux mots [...] ; elle ne nous dit pas si le nom est de nature vocale ou psychique [...] ; enfin, elle laisse supposer que le lien qui unit un nom à une chose est une opération toute simple, ce qui est bien loin d'être vrai.*

⁴³ No original, em francês: *l'unité linguistique est une chose double, faite du rapprochement de deux terms.*

não apenas por questões de nomenclatura corrente e, sim, pelo próprio desenvolvimento epistemológico da obra saussuriana. Ora, ao analisarmos a noção de conceito e de *imagem acústica*, ainda temos neles rastros da corrente positivista que se desenvolvia à época. Expliquemo-nos: a noção de conceito, mesmo que nas entrelinhas, ainda carrega em si a noção de que a língua é uma nomenclatura. Isso se dá, principalmente, pelo fato de que conceitos são ideias, e alguém deve concebê-las. Embora mais abrangente que aquilo que se acreditava anteriormente, o termo conceito ainda não era o suficiente para o que pretendia o programa saussuriano, haja vista excluir a heterogeneidade das associações da/na língua, tornando os signos mais concretos, mas também menos deslizantes. O termo *imagem acústica*, por sua vez, já apresenta maior distância em relação a seu antecedente, já que, nas próprias palavras de Saussure, “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação daquilo que nossos sentidos testemunham⁴⁴” (op. cit., p. 98). Ou seja, Saussure afasta-se aqui da concepção corrente de linguagem e trata o aspecto mais pontual e material da linguagem como algo essencialmente virtual. Esse aspecto virtual, psíquico, para o mestre, fica claro quando observamos nossa própria língua, já que é possível falarmos com nós mesmos ou ainda recitarmos versos de poemas ou músicas em nossa cabeça sem termos de recorrer ao aspecto material da fala (idem, ibidem). Assim, o signo linguístico seria essa junção de uma *imagem acústica* virtual a um conceito, o que já ajudaria o linguista iniciante a entender a virada conceitual de Saussure quanto ao entendimento de língua. No entanto, por conta de ambiguidades terminológicas, o pai da linguística moderna abandona esses nomes e adota a dualidade significado-significante.

⁴⁴ No original, em francês: [...] *n'est pas le son matériel, chose purement physique, mais l'empreinte psychique de ce son, la représentation que nous en donne le témoignage de nos sens.*

Segundo Saussure (1916:99), o uso corrente da palavra signo, à sua época, correspondia para os cientistas e filósofos da linguagem ao mesmo que aquilo que ele chamava *imagem acústica*. Nesse sentido, o suíço prefere a troca deste último termo, pois teme que se ignore que determinada imagem acústica também esteja associada a um conceito e que seja tomada apenas em si. A esse respeito, pode-se ver a inconstância saussuriana ao tentar delimitar o conceito de signo, principalmente naquilo que tange a seus trabalhos manuscritos. Nos Escritos de Linguística Geral (SAUSSURE, 2002), por exemplo, a unidade de análise da língua é definida como composta de duas, três e até quatro partes, sendo a questão acústica geralmente o pomo da discórdia conceitual. Vejamos isso um pouco mais detalhadamente.

Já no prefácio do conjunto de documentos que compõem o arquivo *Sobre a Essência Dupla da Linguagem* (BPU 1996), Saussure nos alerta que, em termos linguísticos, “é errado (e impraticável) opor *forma* e *sentido*. O que é certo, em troca, é opor *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro” (SAUSSURE, 2002:21). Vemos aqui, pois, um conceito com três partes, duas se opondo entre si. Ora, quando o mestre genebrino se refere à figura vocal, ele se refere ao ato puro fonatório, isto é, à singularidade como o sujeito falante atualiza a língua e produz um som que pode, ou não, ser dotado de *valor*. Nesse sentido, a figura vocal é, grosso modo, a realização física de ondas que são entendidas por outro falante como som. O interessante, aqui, no entanto, é notar como o ato físico se opõe ao lado psíquico da língua, haja vista os fatores forma-sentido, embora designados por conceitos diferentes, unem-se em um só. Aqui, forma diz respeito, em outros termos saussurianos, à *imagem acústica*, ou seja, às várias possibilidades formais de um som na língua se apresentar quanto atualizado em

figura vocal, daí sua oposição. O sentido, aqui, indissociável da forma⁴⁵, corresponde aos inúmeros conceitos possíveis de se associar à determinada forma⁴⁶. Dessa maneira, vemos a preocupação em diferenciar aquilo que é puramente físico daquilo que faz parte do sistema de uma língua, tidos, como vimos, inseparáveis, o que nos remete, ainda, à própria noção de língua e de estudos linguísticos, já que, para Saussure (op. cit.),

todo o estudo de uma língua como sistema [...] se resume, como se preferir, no estudo do *emprego das formas* ou no da *representação das ideias*. O errado é pensar que há, em algum lugar, *formas* (que existem por si mesmas, fora de seu *emprego*) ou, em algum lugar, *ideias* (que existem por si mesmas, fora de sua *representação*). Admitir a forma fora de seu emprego é cair na *figura vocal* que pertence à fisiologia e à acústica. É além disso, mais imediatamente, entrar em contradição consigo mesmo porque há muitas formas idênticas de som e que nem se sonha em abordar, o que é a melhor prova da perfeita inanidade do ser forma fora de seu emprego. (pp. 32-33 – grifos no original)

E é nesse sentido que o linguista suíço concebe a noção de signo, levando em consideração os problemas apresentados pelo som e por sua dubiedade constitutiva. Assim, para evitar “entrar em contradição consigo mesmo” e para tentar fazer desaparecer a ambiguidade trazida pelos termos utilizados à época, o pai da linguística moderna propõe o signo linguístico como composto por duas partes indivisíveis e inseparáveis (tal como a noção *forma-sentido* vista anteriormente): o significante e o significado (SAUSSURE, 1916:99). Sobre esses últimos, resta-nos dizer que o

⁴⁵ Este aspecto será melhor explorado quando tratarmos dos fatores associativos e da teoria saussuriana do valor.

⁴⁶ Cabe dizer que os conceitos entendidos por Saussure como possíveis são aqueles que são validados por uma comunidade de falantes, já que todas as possibilidades de associação, inclusive as livres, fogem do campo da língua e da Linguística e, como a linguagem, entra em um campo heteróclito como os da Psicologia e da Psicanálise.

significante comporta a noção virtual do fônico dentro do sistema de uma língua, enquanto o significado, também virtual, dá valor à forma; ou seja: “significar quer dizer revestir um *signo* de uma *ideia*, assim como uma *ideia* de um *signo*” (SAUSSURE, 2002:98). Mas o que, de fato, é esse signo?

Outro problema enfrentado por Saussure (1916, 2002) em termos de nomenclatura e que passa, mais uma vez, pela imprecisão da noção de som, é a própria palavra *signo*. Assim como o sintagma *imagem acústica*, o termo *signo* também apresenta problemas em relação a sua significação dentro do projeto empreendido pelo linguista genebrino. Para ele, o grande dualismo que divide a linguagem, como já vimos, não é aquele do som e da ideia, pois isso é fácil e, ao mesmo tempo, perigoso de se perceber. Nesse sentido, o problema reside na dualidade do fenômeno vocal como fato físico e do fenômeno vocal como fato físico-mental, de modo que

há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o *signo* assim como a significação, um indissoluvelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o “signo” mas, nesse momento, o *signo* se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal (2002:24 – grifos nossos).

O termo *signo*, aqui, corresponde a duas grandezas: àquela do significante-significado, da forma-sentido e àquela da figura vocal, da fonação pura. Dessa maneira, para a análise linguística, Saussure prefere o domínio interior, psíquico, haja vista tratar a língua como sistema virtual e objetivo. No entanto, não exclui totalmente o segundo *signo*, aquele das ondas sonoras, deixando-o meramente como algo secundário e subjetivo. Assim, ao utilizar o termo *signo*, podemos ver, em Saussure, especialmente em seus manuscritos, a dubiedade constitutiva do fônico como forma e substância. Ao

dar ênfase a esta em detrimento de aquela, Saussure prefere chamar sua unidade de signo linguístico por falta de melhor palavra para o substituir, mas dando ênfase ao caráter virtual e formal da língua e, principalmente, à sua relação dupla com aquilo que é significado por uma comunidade de sujeitos falantes.

À guisa de conclusão parcial deste capítulo, é-nos interessante ressaltar a intimidade que a escolha epistemológica pela virtualidade perpassa toda a noção de sistema saussuriana, apresentando-se também na parte do Curso denominada Princípios Gerais. Ora, por essa organização podemos inferir que um dos princípios de análise de uma língua não só é entender a íntima relação significado-significante, mas mais do que isso, o problema que a própria noção de som impõe a essa definição, haja vista poder se apresentar como físico ou como virtual. Nesse sentido, compreender os princípios gerais de análise de uma língua, assim como seu objeto, é entender a constituição de um jogo dúbio, em que sujeitos falantes e sistemas virtuais se misturam e convivem, em que um herói convive com a Besta de um labirinto, porque dela depende para contar sua lenda. Assim, o fônico, pelo menos como o vemos até aqui, é a dupla essência que constitui uma faceta da língua, mas que mesmo sendo uma, não deixa de ser duas ou mesmo três⁴⁷. Resta-nos, saber, portanto, como se dão as regras desse jogo de princípios gerais. Exploremo-las.

3.2. O SIGNO, SUA ARBITRARIEDADE E SUA (I)MUTABILIDADE: O JOGO DO FÔNICO.

⁴⁷ Valemo-nos aqui da sábia analogia do filósofo Dany-Robert Dufour (2000), ao reler as relações eu-tu-ele, tão caras ao linguista Émile Benveniste.

O professor de Linguística Loïc Depecker (2009) afirma, ao analisar as reflexões saussurianas, que “o arbitrário está no centro da língua e no centro do signo. Isso é de importância capital, pois todas as análises conduzem a ele” (p.92). Por si, isso já seria motivo suficiente para nos debruçarmos sobre esse aspecto do signo linguístico, haja vista sua importância para o entendimento do programa linguístico saussuriano. No entanto, como uma grande parte do arbitrário do signo passa pela questão do fônico, faz-se mister que o exploremos um pouco mais. Começemos, pois, por aquilo que Saussure (1916, 2002) nos diz a respeito desse primeiro princípio geral sobre a natureza do signo linguístico.

No Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1916), o linguista genebrino inicia a sessão em que começa a tratar desse assunto afirmando que “a ligação que une o significante ao significado é [radicalmente]⁴⁸ arbitrária ou, ainda, como entendemos por signo o total resultante da associação de um significante a um significado, nós podemos dizer simplesmente que o *signo linguístico é arbitrário*⁴⁹” (p.100 – grifos no original). A partir disso, nos apresenta explicações contraditórias: primeiramente, coloca que a ideia (o significado) não tem nenhuma ligação com a sequência de sons que formam um signo (o significante); depois, tenta provar isso dizendo que o mesmo significado terá significantes diferentes em línguas diferentes. Assim, a leitura atenta desses trechos nos

⁴⁸ Mantemos aqui o advérbio radicalmente das notas dos alunos (cf. de Mauro, 1956) e suprimidos pelos editores do Curso, por compreendermos que a ênfase dada por Saussure ao caráter arbitrário do signo é primordial, haja vista este princípio ser considerado para alguns filósofos (BOUQUET, 1997) um dos primitivos teóricos do programa saussuriano. Ainda para Bouquet (op. cit.), há, diferentes tipos de arbitrariedades sígnicas exploradas por Saussure, mas apagadas por Bally e Sechehaye. Embora não nos seja interessante a discussão a respeito de um verdadeiro Saussure proposta pelo filósofo francês (já nos posicionamos a esse respeito em Sortica, 2011), nos utilizaremos de algumas de suas propostas a fim de nos aprofundarmos na questão do arbitrário do significante e naquilo que concerne o fônico.

⁴⁹ No original, em francês: *Le lien unissant le signifiant au signifié est arbitraire, ou encore, puisque nous entendons par signe le total résultant de l'association d'un signifiant à un signifié, nous pouvons dire plus simplement : le signe linguistique est arbitraire.*

permite verificar dois tipos de arbitrários diferentes: aquele do significante e aquele da relação objeto-coisa.

Discípulo do filósofo Simon Bouquet, Depecker (2009) aponta, pelo menos, três maneiras de a discussão da imotivação do signo se apresentar: i) a relação do signo com a coisa; ii) a relação do signo com a ideia como elemento do pensamento e iii) a relação interna do signo, entre forma e ideia. Como se pode ver, e respeitando a primeira divisão proposta por Depecker (op. cit.:93), ao dizer que uma dada sequência de sons é diferente em línguas diferentes, não se está tratando propriamente do sistema de uma língua por apresentar diferenças em relação a outra; aqui, trata-se de confirmar que a língua não consiste em uma nomenclatura e que, se assim fosse, todos os objetos do mundo seriam chamados da mesma maneira. Veja-se o exemplo dado por Saussure (1916) sobre as onomatopeias: “não somente elas são pouco numerosas, mas sua escolha já é, de alguma forma, arbitrária, uma vez que elas não são mais do que a imitação aproximada e já um pouco convencionais de certos barulhos (compare-se o francês ouaoua ao alemão wauwau)⁵⁰” (p.102). Ora, como Saussure (2002) mesmo aponta, o signo é um símbolo independente e “por símbolo independente, nós compreendemos as categorias de símbolos que têm esse caráter capital de não ter nenhuma espécie de vínculo visível com o objeto a designar e de não poder mais depender dele, nem mesmo indiretamente, na sequência de seus destinos” (p. 209). Aqui se encaixa o exemplo do contraste entre [bæf] e [ɔks] apresentado por Saussure (1916:100). O que mais nos interessa neste trabalho, entretanto, são os arbitrários do

⁵⁰ No original, em francês: *Quant aux onomatopées authentiques [...], non seulement elles sont peu nombreuses, mais leur choix est déjà en quelque mesure arbitraire, puisqu'elles ne sont que l'imitation approximative et déjà à demi conventionnelle de certains bruits (comparez le français ouaoua et l'allemand wauwau)*

signo em relação à ideia e, sobretudo, aquele entre forma e ideia, sobre os quais tratamos em sequência.

Ainda no Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1916), o mestre linguista apresenta mais uma evidência sobre a arbitrariedade do signo, refletindo sobre o próprio conceito de arbitrariedade. Para ele, ser arbitrário não quer dizer que o significante dependa do livre-arbítrio do sujeito falante e, sim, que é imotivado. Em outras palavras, Saussure (1916:101) sublinha que ser arbitrário significa ser imotivado frente ao significado, com o qual o conjunto forma-ideia ou mesmo o próprio significante não têm relação natural alguma. Para tentar entender isso, remetemo-nos aos Escritos de Linguística Geral (SAUSSURE, 2002) em busca de esclarecimentos. Em *Nota para um artigo sobre Whitney*, de 1894, o mestre genebrino faz menção à vida dos signos e suas relações com outros elementos, interiores ou exteriores à língua, afirmando que

em razão de que na língua nunca existe vestígio de correlação interna entre os signos vocais e a ideia, entre a ideia e seu instrumento, esses signos são abandonados à sua própria vida material de uma maneira absolutamente desconhecida nos campos em que a fala exterior poderá exigir o mais leve grau de conexão natural com a ideia (p. 214).

Embora não muito mais clara que a afirmação anterior, aqui temos uma assertiva concreta de que existe um arbitrário imanente à relação significado-significante e com o grupo significado-[significado-significante]. Sendo a primeira um pouco mais clara de se ver, já que argumenta que a ideia atribuída a um conjunto de sons por uma massa de sujeitos falantes não tem relação natural alguma, analisemos o seguinte exemplo presente em língua portuguesa: o conjunto de sons [ʃu¹ ʃu].

Malgrado o conjunto de sons em questão significar para muitos um vegetal de propriedades gustativas duvidosas, não é raro vemos alguém chamar alguém de

(13) [ʃu¹ʃu]

quando se lhe quer demonstrar proximidade afetiva. Ora, se houvesse alguma relação natural entre o som e o objeto no mundo, como já abordamos, associar uma coisa à outra seria, de fato, cair em contradição. No entanto, quando temos o conjunto

(14) [piko₁lɛʒ₁ʃu¹ʃu]

o conjunto em (13) passa a ter um significado ruim, haja vista falantes de língua portuguesa xingarem os outros como em (14) para dizer-lhes que são sem graça ou que são ruins. Nesse sentido, não se pode dizer que os sons em (13) tenham significação em si e que, portanto, devam ser atribuídos a uma ideia específica, já que esse mesmo conjunto, quando em (14), adquire outra significação, completamente diferente.

Poder-se-ia ainda argumentar que os caracteres em análise em (13) dizem respeito ao sentido conotativo atribuído por falantes aos sons, ao passo que em (14) estaríamos tratando de sentidos denotativos. Tal argumentação, no entanto, só reforça a tese de que não há relação natural alguma entre o conjunto em (13) com qualquer significação, já que ele pode assumir, dependendo do contexto em que se insere o sujeito falante, a forma de vários conceitos. Mais do que isso, argumentar-se-ia que o significado atribuído para a análise em (13) é derivado de um erro de tradução ou de algo relacionado ao fato de que, na língua francesa, os conjuntos

(15) [mõ¹ʃu] e

(16) [mõpə¹ti₁ʃu]

são utilizados por falantes com um sentido próximo do que acontece em (13) em português. Mais uma vez, a tentativa que de atribuir uma ideia fixa a um grupo significante se mostra falaciosa; desta vez, por dois motivos: primeiramente, se quisermos decompor as sequências em (15) e (16) em unidades individuais, teremos

(17) [mõ]

(18) [pə¹ti] e

(19) [¹ʃu],

de modo que o que é apresentado em (19) tem significado diferente do de (13) e que só apresenta semelhança semântica quando nas situações demonstradas em (15) e (16). Esse é também o caso dos afixos entre inúmeros outros dentro de um sistema linguístico.

Não podemos deixar de analisar, além da tese demonstrada há pouco, aquela em que Saussure (2002:214) afirma também não haver relação natural entre a ideia e seu instrumento. Levando em consideração a falta de clareza terminológica dos *Escritos* (op. cit.), entendemos aqui a relação ideia e instrumento como o esquema significado-[significado-significante], uma vez que o pai da linguística moderna concebe em seus textos ideia como o plano do significado e que, por instrumento, podemos entender a forma como a língua organiza as ideias que serão faladas, ou seja, o signo e seu *valor*. Assim, entramos aqui naquilo que Depecker (2009:93) chama de a relação do signo com

a ideia como elemento de pensamento ou, em outras palavras, entramos agora no caráter arbitrário do significado.

Assim como a relação do significante com o significado, o significado também demonstra ser de caráter arbitrário. Uma razão para isso é aquilo que exploramos anteriormente neste capítulo: ora, se não há razão para crer que um significante se associe a um significado por razões naturais, o contrário também é verdadeiro. O que nos interessa, entretanto, não é inverter essa conta que já acreditamos bem exposta. Nosso objetivo, nesta análise, é outro: queremos explorar a relação do significado com o signo em si. Para fazermos isso, apoiamo-nos em duas noções primordiais quanto ao sistema da língua - sua mutabilidade e sua imutabilidade.

Um dos fatores que faz o significado tão arbitrário quanto o significante é o fato de ele só se constituir de fato como parte do signo quando seu uso é confirmado dentro de uma dada comunidade linguística. Ou seja, o conceito particular de cada falante, de caráter extremamente subjetivo, só toma contornos sígnicos se validado pelos conceitos (também subjetivos) dos outros falantes da comunidade linguística em que tal sujeito está inserido. Isso pode ser explicado não somente devido ao fato de que a análise linguística privilegia a objetividade – seria impossível contabilizar todos os deslizos que um conceito pode operar, sendo isso objeto da Psicologia e da Psicanálise -, mas principalmente pela noção de imutabilidade do signo, sendo essa a principal relação entre o signo linguístico e o significado, que é simultaneamente individual e social e, não, apenas individual. Assim, passamos ao paradoxo fundante da teoria linguística saussuriana que, ao se aplicar ao signo, engloba tanto aspectos da forma fônica quanto do espírito.

De maneira geral, o caráter imutável do signo diz respeito a impossibilidade de o sujeito falante mudar a língua segundo sua vontade, assim como a massa falante não

pode exercer sua soberania em nenhuma palavra sequer, já que está ligada à língua tal como ela é (SAUSSURE, 1916:104), já que “nenhuma sociedade conhece, nem jamais conheceu a língua de outra maneira se não como um produto herdado de gerações precedentes, recebendo-a como ela é⁵¹” (op. cit.:105). Assim, tentar cunhar um novo signo ou pensar em atribuir um novo conjunto de sons a determinado significado não será validado pelos sujeitos de uma comunidade, sendo que os sons emitidos não passarão de massa amorfa e, por mais que possam constituir unidades, não terão identidade e nem *valor* linguístico⁵². Nesse sentido, tentar desconstituir um signo, imutável e arbitrário, não pode ser feito senão no tempo, já que “é porque o signo é arbitrário que ele não conhece outra lei senão aquela da tradição, e é porque ele se baseia na tradição que ele pode ser arbitrário⁵³” (p.108). Mais do que isso, para Saussure (idem, ibidem), o próprio caráter de imobilidade da língua a faz ser vinculada ao tempo e à coletividade, sendo esses dois fatos inseparáveis. Ou seja, é porque a língua é coletiva e situada em um dado momento no tempo que ela é imutável, assim como tudo aquilo que a constitui. Por outro lado, se a língua é passível de mudanças, como é possível ver através do tempo, como podemos afirmar o caráter imutável do signo?

O paradoxo fundante da noção de signo, especialmente em seu caráter arbitrário e imutável, leva-nos a crer que a língua não muda ou que não pode mudar, já que, segundo ele, o falante não teria nenhum poder sobre ela. Essa interpretação, que não está de todo errada, merece, no entanto, uma ressalva. No *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1916), Bally e Séchehaye alertam, em nota, sobre essas “qualidades

⁵¹ No original, em francês: *En fait, aucune société ne connaît et n'a jamais connu la langue autrement que comme un produit hérité des générations précédentes et à prendre tel quel.*

⁵² Trataremos das noções de unidade, identidade e valor no Capítulo 4 deste trabalho. Por ora, basta saber que os falantes não reconheceriam a mudança em questão como constitutiva de significação na língua.

⁵³ No original, em francês: *C'est parce que le signe est arbitraire qu'il ne connaît d'autre loi que celle de la tradition, et c'est parce qu'il se fonde sur la tradition qu'il peut être arbitraire.*

contraditórias” do signo (p. 108). Segundo os editores do *Curso*, devemos ficar atentos à seguinte verdade: “a língua se transforma sem que os sujeitos a possam transformar. Pode-se dizer, assim, que ela é intangível, mas não inalterável⁵⁴” (idem, ibidem). Destarte, o fato de os falantes e sua comunidade não poderem modificar a língua como quiserem se dá pelo fato de ela ser virtual, intangível, o que não significa que não possa mudar, conforme o tempo passa e exerce sua função sobre a língua, o que Saussure (2002) deixa explícito quando afirma que “a língua é um fato social. O indivíduo, organizado para falar, só conseguirá utilizar seu aparelho por meio da comunidade que o cerca” (p. 178). Assim, podemos dizer que a imutabilidade do signo preserva seu caráter social, em detrimento de seu individual, de modo que todas as mudanças por qual uma língua possa passar também serão fruto de seu caráter social, mesmo que a ela não possa se defender dessas modificações (SAUSSURE, 1916:110). Ora, se “o signo é passível de mudança porque continua” (op. cit.:109), essas alterações se darão, antes de tudo, no uso da língua pelos falantes, já que é a partir das mudanças fônicas e/ou sintáticas, que são frutos da fala e que podem ser vistas apenas na comparação de um estado de língua a outro, que podemos dizer que a língua muda. Como o mestre bem nos alerta, “todas as modificações [...] se fazem exclusivamente no discursivo. Em nenhum momento em que o sujeito submetta a uma revisão o tesouro mental da língua que ele tem em si, e crie, com a cabeça descansada, formas novas” (SAUSSURE: 2002:95). Nesse sentido, toda a criação decorrente em uma língua já repousa, de alguma forma, em seu sistema e só se dará pelo uso desse mesmo sistema pelos sujeitos que se semantizam por e nessa língua. Assim, nos perguntamos: quais as consequências desse jogo de arbitrariedades e mutações para os estudos do fônico?

⁵⁴ No original, em francês: *Par l'opposition de deux termes frappants, il a voulu seulement marquer fortement cette vérité, que la langue se transforme sans que les sujets puissent la transformer. On peut dire aussi qu'elle est intangible, mais non inaltérable.*

3.3 O FÔNICO E O SIGNO: AS REGRAS DE UM JOGO

Vistas a constituição do signo linguístico, assim como algumas de suas propriedades fundantes, podemos, à guisa de conclusão deste capítulo, tecer alguns comentários sobre essas relações com o fônico. A partir daí, tentamos entender como aprofundar um pouco mais nossa relação com o seu campo de estudos. Começamos, pois, pela constituição do signo em significante e significado.

Para os estudos do fônico, aquilo que condiz ao significante será de interesse especial para nós, especialmente aquilo que diz respeito a seu caráter arbitrário. Embora o próprio signo seja arbitrário, não se pode negar que, em Saussure (1916, 2002) há a presença de passagens sobre o arbitrário do significante. Nesse sentido, podemos dizer que aquilo que constitui o fônico, os sons produzidos por um sujeito falante e entendidos por outro de uma mesma comunidade, é de natureza imotivada. Não só não há relação entre o caráter inicial de uma língua (o fônico⁵⁵) com o mundo como também não há relação alguma dele com o significado virtual que os sujeitos falantes lhe atribuem. Assim, podemos inferir que o fônico, como já visto antes, além de base para o entendimento do funcionamento dos princípios básicos de uma ciência linguística, é também a base para a própria constituição das unidades de análise de uma língua que parece seguir as regras de um jogo de propriedades fônicas.

Além de estarem presentes na constituição da unidade de análise de uma língua, o caráter fônico de um sistema parece ditar regras para o seu próprio funcionamento, como é o caso do paradoxo que o funda. Ser mutável permite ao fônico, entre outros

⁵⁵ Note-se que pode haver línguas ágrafas, mas nenhuma língua pode se constituir sem a noção de fônico (que, aqui, vai além da noção de som – o fônico a forma, o significante e não a substância – haja vista o perfeito funcionamento de línguas de sinais, por exemplo).

aspectos de uma língua, continuar à medida que o tempo passa, sendo, assim também imutável. Ou seja: só se pode ver qualquer mudança na língua se a observarmos de pontos distintos no tempo; mesmo assim, essas diferenças começam no próprio discurso, lugar em que o fônico pode sofrer alterações pelos falantes, e se valoradas por toda uma comunidade de sujeitos, essa alteração virará a regra. Em outras palavras, o fônico, virtual, permanece inalterado até que seja atualizado pelo falante, que embora não possa atingir a língua objetivamente, pode modificá-la e subvertê-la em sua própria utilização, mesmo que essa possível subversão já esteja, de alguma forma, prevista no próprio sistema linguístico, também virtual.

Nesse campo de virtualidade e de generalização de regras, voltamos ao labirinto do Minotauro. Se é o fônico, virtual, mas ao mesmo tempo subjetivo quando atualizado pelo falante, que constitui as regras e os caminhos de um labirinto da língua, como podem o linguista e o falante se encontrarem no meio dessas veredas, quando o primeiro quer evitar o segundo e não reconhecer nele aquilo que ele mesmo faz e é. Ora, o linguista nada mais é que um falante que, por algum deus tocado, não consegue se desprender de seu lado Besta, mesmo que tente recorrer aos deuses da ciência para fazê-lo. A solução para ambos, talvez, seja tentar entender quais aspectos dessa busca labiríntica realmente os une e, de fato, constitui língua e não apenas barreiras. Resta a eles saberem por onde seguir para poderem se encontrar e se reconhecer um no outro. Resta a eles um fio de Ariadne.

A LINGUÍSTICA SINCRÔNICA: O VALOR DO FÔNICO

É reconhecendo o poder do caráter fônico da língua que o concebemos como um novelo capaz de guiar linguistas em seu caminho obscuro dentro dos mistérios da linguagem. Assim, continuamos nossa investigação sobre a constituição dos estudos do fônico no Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1916), adentrando, desta vez, aquilo que muitos consideram como a principal contribuição do linguista suíço ao estudo da língua como ciência: o entendimento da língua como um conjunto de valores situados em dado estado de língua. Aqui é, para nós, o lugar em que a relevância do fônico para a língua e para a linguística saussuriana fica explícito, haja vista ser a partir daquilo que Saussure chama *valores linguísticos* que podemos ver o objeto concreto de uma ciência em desenvolvimento. Mais do que isso, entendemos que é a partir do caráter fônico de um sistema linguístico que pode se desenvolver a própria noção de *valor*, uma vez que é aquele que sustenta não apenas este, mas como grande parte dos axiomas desenvolvidos pelo mestre genebrino. Nesse sentido, estudamos neste capítulo, ao seguir a ordem de apresentação de conceitos do CLG (op. cit.) as relações entre identidade e unidade linguísticas, apontando suas semelhanças e diferenças em termos conceituais, assim como suas relações com o caráter fônico da língua. A partir disso,

investigamos a constituição de valores dentro de um sistema linguístico e como as relações entre signos (e, conseqüentemente, entre o fônico) formam aquilo que denominamos língua. Começamos, então, analisando como o fônico, na constituição do signo linguístico, pode ou não construir unidades em dada língua.

4.1 UNIDADE, IDENTIDADE: O SOM E O FÔNICO

Quando ouvimos um som ou uma palavra que nos soa estranha, mas que consideramos possível fazer parte do sistema de nossa língua, estamos inconscientemente mobilizando as noções de unidade e identidade propostas por Ferdinand de Saussure (1916). O mesmo ocorre quando, ao ouvir um conjunto de sons, o consideramos como de uma língua estrangeira, embora muitas vezes não saibamos explicar o seu porquê. Tudo o que sabemos é que essas impressões têm fundo acústico e que, por isso, nos remetem ao caráter fônico da língua. Nesse sentido, é necessário que tenhamos claras as definições de identidade e unidade linguísticas para o professor suíço, uma vez que elas são primordiais para o aprofundamento da compreensão de seu programa linguístico. Antes, no entanto, de fazê-lo, revisemos as entidades que constituem as línguas.

Como vimos no capítulo anterior, a constituição do signo linguístico dá-se pela união de dois planos: o da materialidade (o significante) e o do espírito (o significado). É a essa união que Saussure (1916:144) chama de entidade linguística, classificando-a como indivisível, já que apenas uma de suas partes não terá *valor* a não ser na análise pura dos sons (idem, ibidem). Assim, se tivermos a sequência de sons

(20) [pa. ¹la. vrə]

ela apenas constituirá um signo se tal sequência de sons se colocar em evidência. Se a dividirmos e analisarmos suas sílabas separadamente, como em

(21) [pa]

(22) [la]

(23) [vrə],

veremos que apenas as sequências em (21) e (22) configuram entidades, constituindo *valor* em língua portuguesa, sendo (23) um exemplo de massa amorfa, já que “a entidade linguística não está completamente determinada até que ela seja *delimitada*, separada de tudo que a contorna na cadeia fônica. Essas são as entidades delimitadas ou *unidades* que se opõem no mecanismo da língua⁵⁶” (op. cit.:145).

Se quisermos, entretanto, saber como, dentro de um sistema linguístico, fazer tais divisões sistematicamente com vistas a investigar as características fônicas comuns aos tipos de signos que o compõe [o sistema], dever-se-á recorrer ao sujeito falante e à sua orelha. A razão disso se dá pelo fato de que “uma delimitação correta exige que as divisões estabelecidas na cadeia acústica correspondam àquelas na cadeia conceitual⁵⁷” (SAUSSURE, 191: 146). Ou seja, é por meio daquilo que o falante reconhece como existente e portador de sentido dentro de uma dada língua que será considerado como unidade, como vimos nos exemplos em (21), (22) e (23). O professor suíço (op.

⁵⁶ No original, em francês: *L'entité linguistique n'est complètement déterminée que lorsqu'elle est délimitée, séparée de tout ce qui l'entourne sur la chaîne phonique. Ce sont ces entités délimitées ou unités qui s'opposent dans le mécanisme de la langue* [grifos do autor].

⁵⁷ No original, em francês: *Une délimitation correcte exige que les divisions établies dans la chaîne acoustique correspondent à celles de la chaînedes concepts.*

cit.:147) nos alerta, no entanto, para termos cuidado com certas variações presentes na mesma unidade, como em

(24) [u₁zɔtʰ vs¹dɛlə] e

(25) [u₁zɔtʰ vza¹zuj sdɛlə].

Nesse exemplo, podemos ver que o contexto fonético em (25) força a vocalização do fonema /s/ haja vista ele ser seguido por uma vogal, por natureza vozeada no sistema do português (CÂMARA JR., 1970). Assim, por assimilação do traço vozeado, a sequência

(26) [tʰ vs] fica

(27) [tʰ vZ],

como vemos em (25). Trata-se de uma mesma unidade e, portanto, de um mesmo signo? Sim, já que o falante de português brasileiro reconhece ambas sequências de sons como algo que remete à noção de “órgãos da visão”. Note-se, assim, que esse reconhecimento não se dá pela análise estritamente fônica de uma cadeia sonora, ela remete à língua em ação, porque “os sujeitos falantes não têm essas dificuldades [as de delimitação da unidade]; tudo aquilo que é significativo, seja qual for seu grau, aparece-lhes como um elemento concreto, e eles os distinguem infalivelmente no discurso⁵⁸” (SAUSSURE: op. cit.:148).

⁵⁸ No original, em francês: *les sujets parlants ne connaissent pas ces difficultés ; tout ce qui est significatif à un degré quelconque leur apparaît comme un élément concret, et ils le distinguent infalliment dans le discours.*

Resta-nos ainda uma pergunta no que tange à caracterização do conjunto de *imagem acústica e conceito* como *signo linguístico*: duas sequências de sons idênticas constituem o mesmo signo? Ora se o significado atribuído a elas por diferente dentro de um sistema linguístico, a resposta é não. Trata-se apenas de um caso de identidade linguística sincrônica (SAUSSURE, 1916: 150-153). Analisemos os exemplos que seguem para tornar esse conceito mais claro. Na sequência fônica

(28) [ja. ke. ^lʃiⁿ.ə],

podemos identificar tanto os valores “jaquetinha” (jaqueta pequena) quando “já que tinha” (conjunção subordinativa adverbial causal seguida do verbo ter na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do modo indicativo). Nesse último caso, as expressões estariam em identidade com o colocado em (28)? Não, pois a delimitação de suas unidades os faria signos diferentes. Entretanto, se tivermos entidades cuja delimitação de unidade seja a mesma e, mesmo assim, não houver distinção de sentido aparente, podemos ter identidade. É o caso de

(29) [^lməⁿ. gə],

que nos pode remeter tanto a uma fruta quando à parte de uma peça de roupa. Assim, temos identidade. Esse fenômeno também está presente quando vemos o mesmo signo ser evocado várias vezes em determinado contexto. Isso se dá porque, apesar da semelhança, o contexto fará o papel de dirimir as dúvidas sobre o sentido, já que o sujeito falante, a cada evocação do mesmo signo, se engaja em uma renovação da matéria:

é um novo ato fonatório e um novo ato psíquico. A ligação entre os dois empregos da mesma palavra não repousa nem sobre sua identidade material, nem sobre a exata semelhança de sentido, mas sobre os elementos que se deverão procurar e que nos farão tocar de muito perto a verdadeira natureza das unidades linguísticas⁵⁹ (op. cit.:152).

Em outras palavras, é a associação de um elemento com outro em determinado contexto de fala que constituirá a identidade e a unidade de determinada entidade linguística.

Assim, podemos dizer que o sistema fônico de uma língua se constitui a partir do momento que suas unidades são delimitadas e são reconhecidas pelo sujeito falante em uma situação real de uso da língua. Entretanto, o caráter fônico da língua parece apresentar uma limitação: ele só é considerado como integrante de um sistema linguístico se foge à noção de massa amorfa de sons e se entende como constituinte de realidades materiais de uma língua, não podendo ser considerado em seu caráter meramente articulatorio - do contrário, apontaria diferenças entre (26) e (27), por exemplo -, mas em todo seu caráter substitutivo, como parte integrante da realidade de uma língua.

4.2 REALIDADES E VALORES: O SISTEMA FÔNICO

Outra maneira de se entender o fônico com integrante da realidade de uma língua é admitir o fato de as entidades concretas de análise da língua não se apresentarem para nós nelas mesmas, sendo necessário ao sujeito falante identificá-las

⁵⁹ No original, na íntegra das orações, em francês: *Chaque fois que j'emploie le mot Messieurs, j'em renouvelle la matière ; c'est un nouvel acte phonique et un nouvel acte psychologique. Le lien entre les deux emplois du même mot ne repose ni sur l'identité matérielle, ni sur l'exacte similitude des sens, mais sur des éléments qu'il faudra rechercher et qui feront toucher de très près à la nature véritable des unités linguistiques.*

por meio de sua *impressão acústica*, de maneira que é a partir do falante (e de seu entendimento sonoro de sequências de linguísticas), que se organizam os valores de um sistema de língua. Assim, é pela língua “ter sua base no meio social e na potência social” (SAUSSURE, 2002:290), que a massa falante consegue atribuir-lhe valores, definindo, assim, suas unidades e realidades. É partindo dessa premissa que Saussure (1916: 155) afirma que “a língua não é senão um sistema de *valores puros*⁶⁰”. Mas afinal, o que o linguista genebrino pode querer dizer com isso? Vejamos.

Quando Saussure compara a língua a um sistema de valores puros, entendemos que o professor suíço esteja retomando os princípios gerais que concebeu para a Linguística: o fato da língua não corresponder a uma nomenclatura, de modo que só há relação entre som e pensamento no próprio sistema. Em outras palavras, não há ideias e nem sons pré-estabelecidos à linguagem, de modo que apenas sua junção valorada por uma comunidade de falantes constitui um sistema linguístico compartilhado. É nesse sentido que o mestre afirma que “a língua é uma forma e não uma substância⁶¹” (SAUSSURE, 1916: 169), ou seja, são as formas sonoras e as formas de pensamento unidas que formam língua; dizer que é a substância que a constitui seria recorrer a outras ciências como a psicologia ou à fonética articulatória, como já vimos nos capítulos 2 e 3 desta parte. Mais do que isso, é justamente por ser uma forma que os indivíduos não podem mudá-la por vontade própria, já que o sujeito em si não é dono da língua, embora se utilize de sua subjetividade (a do falante) para colocar o sistema em uso, sendo apenas esse último, e por parte de uma massa de falantes, que poderá trazer qualquer modificação ao sistema da língua. Nesse sentido, vê-se aqui que o aprofundamento das noções sobre o *signo linguístico* e suas características, pensando-

⁶⁰ No original, em francês: *la langue ne peut être qu'un système de valeurs pures.*

⁶¹ No original, em francês: *La langue est une forme et non une substance.*

se, desta vez, não apenas o signo e a unidade de análise de uma ciência em formação, como também seus contornos dentro de um sistema complexo de signos interdependentes. É essa interdependência entre as unidades que coloca o caráter fônico da língua também como importante. Analisemos isso em respeito ao aspecto material do *valor* linguístico.

Para Saussure (1916:163), o que importa em um signo não é o som nele mesmo, e, sim as diferenças que permitem distinguir um significante do outro. Nesse sentido, se entendemos o significante como o caráter mais material do *signo linguístico* e, por conseguinte, das relações que este faz com outros signos, veremos como o caráter fônico da língua está ligado a suas diferenciações. Dessa maneira, podemos afirmar junto a Saussure (op. cit.:165) que as entidades sonoras de uma língua são, “antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas⁶²”: i) opositivas, porque é a sua diferença que atribui diferença de significação entre um termo e outro na língua; ii) relativas, porque a oposição só pode existir em relação a outro som presente na língua e iii) negativas, porque não existem a priori – apenas em relação com outras entidades, sejam elas do pensamento, constituindo, assim o *signo linguístico*, ou sejam elas do próprio caráter fônico da língua, distinguindo-se das outras unidades. Assim, podemos também dizer que há forte solidariedade entre os termos de uma língua e seu *valor*. Isso se dá porque o *valor* de um elemento só pode ser determinado em relação aos outros elementos de seu entorno na cadeia de fala, de modo que a delimitação de *valor* e unidade, muitas vezes, acabam por se confundir, já que ambos se regem pelo princípio de diferenciação. Além disso, só se pode dizer que um signo faz parte de um sistema linguístico se se lhe atribui significação e, em consequência disso, *valor*.

⁶² No original, em francês: *Les phonèmes sont avant tout des entités oppositives, relatives e négatives.*

Afinal, o que é atribuir significação a um signo? Nada mais é do que unir um significante a um significado. Para que isso aconteça deve-se passar pelo processo de definição de uma unidade ou de um conjunto de unidades discretas, já que, como grupo dotado de sentido, pode-se entender que um fonema ou até mesmo um grupo sintático em sua totalidade constitui um signo. Nesse sentido, podemos determinar significação e *valor* a qualquer grupo que a massa falante reconheça como pertencente a seu sistema linguístico. No entanto, há uma diferença conceitual entre significação e *valor*. Enquanto o *valor*, por estar mais ligado às diferenças materiais na relação entre os signos, pode ser mais atribuído ao caráter fônico da língua, a significação, por representar a união de um significante e de um significado, apesar de também depender do fônico para sua constituição, liga-se mais à questão conceitual do *signo linguístico*: o *valor* é um elemento da significação (SAUSSURE, 1916). Perguntamo-nos, entretanto, o seguinte: como o sujeito falante dá conta de distinguir os valores e significações em sua língua, sendo que ele não tem acesso ao sistema nele mesmo? Como a massa falante consegue distinguir sistematicamente dentro de um sistema linguístico aquilo que é massa amorfa de sons e aquilo que é dotado de significação? Nossa hipótese: a partir das regras que regem o funcionamento da língua: as relações de associação e de sintagmatização que passam pelo caráter fônico do sistema. Estudemo-las a seguir.

4.3 RELAÇÕES FÔNICAS: ASSOCIAÇÃO E SINTAGMATIZAÇÃO

Em primeiro lugar, quando falamos de associações entre signos e/ou valores, referimo-nos a um estado dado de língua, ou seja, colocamos em pauta a linguística sincrônica de Saussure (1916). Obviamente, não se pode ignorar que a comparação entre valores diacrônicos também existe, de modo que se compreende a mudança em

termos materiais de um signo em um estado de língua para outro. É o caso de *passo* (em português contemporâneo) e *passum* (em latim vulgar) como nos exemplifica o mestre genebrino (op. cit.:150). Os tipos de relações que estudamos no escopo deste trabalho, no entanto, diz respeito a como os signos se relacionam entre si dentro de um sistema de língua, evocando, pois, seu funcionamento. A respeito disso, o linguista suíço (p.170) nos propõe duas abordagens diferentes: uma que dá conta da cadeia da fala em sua continuidade temporal e outra que aborda as possibilidades de língua no seu uso pelo sujeito falante: o eixo sintagmático e o eixo associativo.

No eixo que descreve a cadeia da fala para Saussure (1916), temos o encadeamento dos signos em sequência temporal, isto é, na ordem que são mobilizados pelo sujeito falante, de modo a constituir uma sequência dotada de sentido. Essa sequência, a que o mestre genebrino denomina frase, nada mais é que o agenciamento da língua por parte do sujeito falante, em se colocando signos *em presença* e em face um ao outro, já que seu *valor*, nesse sentido, se dará pela diferença e pelo tempo de cada unidade linguística. No entanto, o objeto primeiro de estudo da linguística, para o intelectual suíço, não é a frase, já que seu agenciamento, ao fim e ao cabo, pertence à fala e, portanto, seria de caráter efêmero e intangível - embora plenamente audível. Os elementos que compõem a fala, ou seja, aqueles que formam a frase, esses sim são passíveis de análise do linguista. Note-se aqui, entretanto, que isso não significa colocar a fala totalmente em suspenso dos estudos da linguagem. Ao contrário, ao se admitir que os elementos que compõem a fala são oriundos da língua, de uma maneira ou outra, admite-se o estudo da fala, mas não nela mesma, pois isso poderia reduzir a língua a um aspecto puramente articulatorio ou ainda composta apenas de massas amorfas. Ao se querer entender a fala a partir da língua, não apenas se admite sua relação íntima e necessária para o funcionamento de um sistema linguístico (afinal, sem uma massa

falante, não há língua), mas também a passagem do articulatório ao fônico, que toma os sons em seus valores.

Apesar de o sujeito falante ter mais acesso empírico e fenomenológico à língua por meio de sua orelha, ou seja, por atribuir *valor* aos signos que seguem um ao outro na fala, há ainda outro eixo que descreve, em Saussure (1916), o funcionamento da língua. A essa face do sistema o mestre chama cadeia associativa. Aqui, a relação entre os signos se dá *em ausência*, isto é, o *valor* atribuído a um signo diz respeito ao fato de ele não ser outro, mas ter a possibilidade de ser outro. Em outras palavras, quando dizemos que “Ela é bonita” e tratamos cada palavra como unidade, poderíamos, em termos associativos ter a possibilidade dos enunciados “Ela é feia”, “Ela é simpática”, etc., como também poderíamos ter “Ela está bonita”, “Ela foi bonita”, entre outros. Assim, um signo se caracteriza como portador de *valor* a partir do momento que é aquilo que o outro não é – bonita, simpática e feia, por exemplo, são signos diferentes e têm valores diferentes, embora possam ocupar posições semelhantes dentro do sistema linguístico do português. Essas associações também acontecem em níveis menores da língua, podendo mudar todo o sentido de uma palavra. É o caso de um morfema, um fonema ou até mesmo de um traço, se considerarmos junto a Jakobson, Fant e Halle (1952) que os traços distintivos são a menor divisão possível em uma língua. Nesse sentido, relações como pato/bato/fato/gato e leão/leãozinho/leãozão também dizem respeito ao eixo associativo da língua. Assim, o mecanismo de funcionamento da língua contaria com a solidariedade associativa junto à sintagmática, de modo que teria origem no fônico e seria acessível ao falante por meio do próprio fônico, mas principalmente, pela fala e pelo social, que são os fatores que atribuem *valor* aos elementos de um sistema linguístico. Nesse sentido, arriscamos a afirmação de que o fônico funciona como um primitivo teórico na obra linguística saussuriana.

PARTE II
NO CENTRO DO LABIRINTO: O CURSO DO SOM

Ensinar Saussure é tomá-lo em sua complexidade. (FLORES, V. do N., 2015)

O FÔNICO E O ENSINO: QUAISQUER NOTAS SOBRE O ENSINO DO PROGRAMA SAUSSURIANO

Após circularmos por vários caminhos forjados pelas relações da língua, chegamos enfim ao centro do labirinto, local em que, segundo as lendas, habita a Besta devoradora de linguistas. Não teríamos chegado aqui se não tivéssemos tomado como fio condutor em nossa jornada as rotas tecidas pelo caráter fônico da língua. No entanto, chegar até aqui não constitui, para nós, um fim ou uma vitória e, sim, o começo de nossos trabalhos. Explicamo-nos: embora não possamos ignorar a importância de nossa proposta, ao colocarmos o fônico como o caráter constitutivo da língua e, portanto, como primitivo teórico em sua análise, tal conclusão não é suficiente se não considerarmos também como essa premissa pode ser utilizada para ensinarmos como analisar dados linguísticos aos interessados nas veredas do estudo da língua. Nesse sentido, pedimos ao leitor-viajante que nos acompanhe por mais este capítulo de nossa jornada.

Nesta parte de nosso trabalho, resumida em apenas um capítulo, retomamos trabalhos anteriores sobre o ensino de linguística nos níveis iniciais dos cursos de Letras (SORTICA, 2011) e, a partir deles, refletimos sobre a dificuldade do ensino do programa saussuriano. Para nós, esse problema passa por três grandes etapas. A

primeira delas diz respeito à falta de consenso sobre o que é ensinar linguística, muito menos nos primeiros períodos dos cursos de Letras e de ciências correlatas. Como se essa incerteza já não fosse desestabilizante o suficiente tanto para o professor quanto para o aluno, a vastidão do *corpus* saussuriano e dos assuntos nele tratados faz o professor que se emprenha em transmitir a herança saussuriana perder-se na seleção de textos complexos e diversos que, muitas vezes, podem demonstrar-se inadequados a pessoas acostumadas a conceber língua apenas como a tradição gramatical vista na educação básica, caracterizando-se como um segundo empecilho a ser superado. A terceira dessas adversidades é consequência das duas primeiras: já que não se sabe o que ensinar e nem como e, tampouco, como selecionar material pertinente para fazê-lo, o ensino da ciência das línguas acaba se dando de forma mecanicista, de modo que o aluno deve memorizar conceitos básicos à ciência sem refletir sistematicamente sobre eles. É, portanto, a esses problemas que dedicamos as três sessões deste capítulo e as considerações finais deste trabalho. Vamos a elas.

5.1 O ENSINO DE LINGUÍSTICA NOS CURSOS SUPERIORES: O QUE É? COMO SE FAZ?

Como já vimos em Sortica (2011: 14-20), se desejamos pensar sobre *como* um professor ensina linguística, precisamos, de antemão, entender *o que é* ensinar linguística. Para isso, trabalhamos como a linguística e o seu ensino são entendidos por docentes oriundos de diversas tradições científicas. São eles a fundadora e ex-coordenadora do *Groupe de recherche en histoire de la linguistique*⁶³ (GRHIL)

⁶³ Em português, *Grupo de pesquisa em história da linguística*.

Claudine Normand (2006, 2009) , o professor de linguística e *dean*⁶⁴ da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Sussex, na Inglaterra, John Lyons (1968, 1981) e os linguistas brasileiros José Fiorin (2004), Fernanda Mussalin e Anna Christina Bentes (2004). Por sua importância na constituição de nossa visão sobre a prática docente em linguística, daremos mais foco, aqui à reflexão docente da ex-professora da Universidade de Paris.

Nas obras em que assume o papel de professora de linguística, Normand (2006:198) questiona-se sobre qual teoria escolher para o ensino em um nível primeiro, perguntando-se, também, sobre o interesse de se ensinar uma história programática da Linguística – o que, dentre outras questões, permeia suas dúvidas, principalmente da data de seus cursos de epistemologia da Linguística. Nesse sentido, a pesquisadora ressalta que, em um programa que vá além do básico, indo em direção a teorias linguísticas diferentes, poderão surgir problemas terminológicos que afetarão a leitura de textos teóricos, ao que complementa que tais problemas “geralmente são causados por uma dificuldade teórica⁶⁵”, o que nos leva a pensar, primeiramente, sobre o programa escolhido em um curso introdutório de Linguística e sobre os textos que lhe darão base. Mesmo assim, Normand (op. cit.:199) ressalta a importância de

fazer os textos falarem sobre eles mesmos e sobre seu tempo, garantindo que, para esse efeito, seja necessário se debruçar sobre as passagens confusas, aquelas em que alguma coisa é dita, mas de uma forma “subentendida” ou “apesar de”, por fragmentos disjuntos, nos quais às vezes uma coisa é tomada como

⁶⁴ Pessoa com autoridade significativa sobre uma unidade acadêmica ou sobre uma área específica de estudos. Cargo de semelhante ou maior notoriedade acadêmica a um diretor de uma faculdade. Às vezes, traduz-se tal expressão como reitor, embora seu cargo se restrinja a uma faculdade e não a uma Universidade.

⁶⁵ No original, em francês: [...] *une difficulté terminologique, il s'agit généralement d'une difficulté théorique.*

se um elemento novo tentasse entrar sob os velhos termos inadequados⁶⁶.

Normand ainda aponta a necessidade de se interrogar os jargões de uma teoria dentro de seu escopo, contrastando-os com seu uso no escopo de outras teorias linguísticas⁶⁷, assim como aqueles que apontam a necessidade de mostrar a Linguística em curso por meio de questões vivas, elegendo-se, para tanto, questões que tratem do sentido⁶⁸ (2006:205). Assim, a professora francesa (op. cit., p. 211) apresenta-nos aquilo que chama de três questões fundamentais ao estudo dos textos em linguística: i) a questão do objeto; ii) a questão do método; e iii) a questão do objetivo⁶⁹. Indiretamente, isso nos leva a outra interrogação da autora, uma vez que a grande maioria dos cursos de introdução à Linguística é dada a partir de manuais da área: “o que restará do discurso de X uma vez passado pelo escopo da leitura de Y e Z? O que se fará desse saber [dos textos originais] já digerido? Como lerão e entenderão os outros?⁷⁰” (op. cit., p.220). Nesse sentido, faz-se interessante refletir sobre os manuais de linguística que, tendo *corpora* variados, repousarão sua apresentação – muitas vezes limitadora em relação aos textos originais -, em diferentes aspectos, dependendo de seu objetivo e

⁶⁶ No original, em francês: [...] *faire parler les textes sur eux-mêmes et leur temps, assurant qu'a cet effet il faut s'attaquer aux passages confus, ceux où quelque chose se dit mais en quelque sorte <<en-dessous>> ou <<malgré>>, par fragments disjoints, où parfois quelque chose coince comme si un élément nouveau s'essayait à entrer sous de vieux termes inadaptés.*

⁶⁷ Observação referente a este trecho do texto original, em francês: [...] *interroger les terme notionnels sur leur rôles réciproques dans une même théorie et par rapport à leurs emplois dans d'autres théories.*

⁶⁸ Observação referente a este trecho do texto original, em francês: *Montrer la science en train de se faire à l'occasion de questions vives, autrement dit en vif débat, telle était la consigne de l'appel d'offres. Je proposai donc la question du sens.*

⁶⁹ Observação referente a este trecho do texto original, em francês: “J’essaie donc de dégager trois questions fondamentales qui me paraissent les axes de ces textes: la question de l’objet [...] la question de la méthode [...] la question de l’objectif.” (NORMAND, 2006: 211)

⁷⁰ No original, em francês: *Que reste-t-il du discours de X une fois passé par la grille de lecture de Y ou Z? Qu'en est-il du savoir ainsi digéré? Comment lit-on, entend-on, les autres?*

concepção de ensino de Linguística e daquilo que um aluno iniciante nos cursos de Letras deve estar apto a saber sobre a matéria, uma vez que, como já esses manuais, como colocado acima, serão fruto de um filtro de leitura de seus autores, sendo conveniente, na prática de ensino de Linguística, contrastar esses discursos com aqueles dos textos nos quais tais manuais são baseados⁷¹.

Nas introduções de Lyons aos estudos linguísticos, o famoso semanticista não parece definir em que consiste, de fato, ensinar Linguística, fazendo com que suas palavras, sobre esse aspecto, caiam no silêncio. Entretanto, como todo silêncio é ato de linguagem e, por conseguinte, significativo por excelência, buscamos, em observações feitas nos prefácios de tais livros (LYONS, 1968; 1981), pistas que nos remetam a um plano didático maior, já que esses textos, minimamente, apresentam aquilo que se espera que um aluno recém-chegado ao curso de Letras e de Linguística consiga aprender em sua trajetória inicial. Nesse sentido, Lyons (1968, p. ix), diz escrever um livro para prover uma introdução “às mais importantes tendências dentro da teoria linguística contemporânea⁷²”, fazendo disso um livro introdutório “no sentido de que não pressupõe nenhum treinamento prévio em relação a seu assunto, mas que pressupõe que o leitor [...] esteja preparado para fazer certo esforço intelectual no que diz respeito ao uso de símbolos e formulas⁷³”. Vistas por outro ângulo, essas afirmações nos remetem não somente a uma delimitação daquilo que deve ser apresentado ao estudante

⁷¹ Embora acompanhem a discussão de Chevallard (1991) sobre os fenômenos da transposição didática, preferimos, neste trabalho, analisar de forma mais fria e objetiva as transformações adaptativas feitas em manuais de Linguística para transformar a disciplina em *objeto de ensino*.

⁷² No original, em inglês: “My purpose in writing this book has been to provide a relatively self-contained *introduction to the most important trends in contemporary linguistic theory*.” (LYONS, 1968: ix) [grifos meus]

⁷³ No original, em inglês: “This is an introductory book in the sense that it does not presuppose any previous training in the subject, but it does assume that the reader [...] is prepared to make a certain intellectual effort with respect to the use of symbols and formulae.” (LYONS, 1968: ix)

- o que continua na afirmação sobre a seleção do *corpus* utilizado no manual: “eu restringi seu escopo àquilo que, por consenso, é mais central à teoria linguística: fonética e fonologia, gramática e semântica⁷⁴” (op. cit., p. ix-x) -, mas também a um conjunto de expectativas em relação ao aprendizado do aluno. Em outro livro introdutório, escrito cerca de uma década mais tarde, o pesquisador inglês mais uma vez sublinha a necessidade de se

apresentar aos alunos alguns dos conceitos teóricos e das descobertas empíricas mais importantes da linguística moderna [...] adota[ndo] um nível técnico relativamente baixo, enfatizando as conexões entre a linguística e muitas outras disciplinas acadêmicas que, por seus próprios motivos de acordo com pontos de vista específicos, se interessam pelo estudo da língua (LYONS, 1981: ix),

o que nos leva a considerar que ensinar Linguística, em níveis iniciais de um curso de Letras, seja apresentar aos alunos conceitos teóricos básicos relativos às descobertas e tendências recentes dentro do escopo das ciência da língua, não pressupondo deles um conhecimento prévio do assunto, embora deles se espere esforço intelectual, já que parece importante que “o indivíduo receba a noção do que seja a Linguística nos níveis mais avançados, embora não necessariamente mais técnicos” (op. cit., p. x). Esse último aspecto também explica a necessidade de ser ter um “cuidado de escolher um material representativo – não só dos diferentes pontos de vista teóricos, como também dos diferentes níveis de exposição”-, haja vista o intuito de se fazer com que o aluno iniciante nesses cursos seja exposto às diferentes ramificações do trabalho linguístico, o que tradicionalmente é feito em níveis mais avançados desses cursos.

⁷⁴ No original, em inglês: “I have restricted its coverage [do livro] to what, by common consent, is most central to linguistic theory – phonetics and phonology, grammar and semantics.” (LYONS, 1968: ix-x)

Percorrendo uma trilha similar aos trabalhos de Lyons (1968; 1981), as introduções à Linguística organizadas por professores de universidades brasileiras também sublinham a necessidade do ensino daquilo que parece básico a um aluno iniciante, isto é, aquilo referente aos conceitos básicos e mais recorrentes na ciência da língua. Nesse sentido, Mussalin e Bentes (2004) entendem um curso de introdução à Linguística como algo que tem por objetivo

preparar o *terreno conceitual* para contatos posteriores com materiais que analisem o fenômeno da linguagem com maior grau de detalhe e aprofundamento, além de tornar acessível para leitores iniciantes ou não-especializados em Linguística, as *relevantes abordagens* sobre o fenômeno da linguagem (p. 15) [grifos nossos].

Essa linha de raciocínio segue, a seu modo, a reflexão empreendida por Lyons (op. cit.), haja vista o destaque dado às questões de se co-construir um conjunto de conceitos junto ao aluno, tendo em mente quais abordagens são ou não relevantes para que esse constructo seja possível. Dessa forma, é possível notar que o ensinar Linguística, muito mais do que uma prescrição teórico-metodológica, está intimamente ligado a um conjunto de noções que o aluno iniciante *deve saber*, em detrimento de uma definição positiva sobre *o que é* esse ensinar.

Não muito distante desse estado de arte, o professor de departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP) José Luiz Fiorin (2004) elenca diversos pontos relevantes de estudo para quem começa seus estudos na área, defendendo que

um iniciante na Linguística precisa saber *o que é a ciência da linguagem*, saber que há outras formas de estudar as línguas, que vão além do

prescritivismo que hoje invade os meios de comunicação, *saber que a Linguística pretende descrever e explicar os fenômenos linguísticos; conhecer como se processa a comunicação humana; perceber que as línguas não são nomenclaturas, mas formas de caracterizar o mundo; conhecer os cinco principais objetos teóricos criados nos séculos XIX e XX: a langue, a competência, a variação, a mudança e o uso; aprender os rudimentos da análise linguística, em seus diferentes níveis [...]. Em suma, o que se pretende num curso de Introdução à Linguística é que o aluno se aproprie de conceitos, para que possa operar, de maneira científica, com os fatos da língua. O que se deseja é que ele vá além do senso comum na observação dos fenômenos linguísticos e comece a ter uma posição investigativa diante da linguagem humana (p.8) [grifos nossos].*

Quando compararmos, no entanto, as símulas de cursos iniciais de Linguística (LICENCIATURA, 2011; INSTITUTO, 2016; HISTORIOGRAFIA, 2016) de três universidades brasileiras diferentes (uma privada, uma estadual e uma federal), vemos que os preceitos defendidos por Normand, Lyons, Mussalin e Bentes, e Fiorin nem sempre são considerados. Embora todos os cursos apresentem algo similar à abordagem da língua e de suas características como objeto científico seus conteúdos programáticos, o que é louvável, não se parece haver preocupação explícita com o conjunto de textos selecionados para tal, considerando-se ou apenas a abordagem de manuais ou, seu extremo oposto, de artigos originais que podem se demonstrar obscuros para alunos iniciantes. Há ainda, certa mistura entre ambos, mas que parecem resultar em abordagens rasas sobre cada aspecto, já que não há aprofundamento nos temas tratados. Além disso, apenas um dos programas analisados contempla a evolução da concepção de ciência em seu escopo de ensino (HISTORIOGRAFIA, 2016). Embora possamos ter esperança de a razão de apenas um terço dos cursos de Letras brasileiros oferecer essa base epistemológica a seus estudantes ser devido a nosso escopo mínimo na coleta dos conteúdos programáticos das disciplinas de linguística nos primeiros semestres em

universidades. De qualquer forma, o fato de haver um curso, seja ele qual for, que não trate dessas questões já nos é preocupante, já que consideramos o entendimento epistemológico das ciências fundamental para a compreensão da ciência linguística e dos conceitos que a regem. Defendemos, entretanto, que uma maneira de dar conta dos preceitos aqui apresentados é, para ensinar a linguística moderna e um pouco de sua evolução, partir do princípio: o Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1916) e os Escritos de Linguística Geral (SAUSSURE, 2002), assim como pelas outras obras do fundador da linguística moderna. Neles, entendemos haver elementos que não só tratam da história das concepções linguísticas, mas também fundamentos valiosos para a prática da linguística contemporânea. O problema que se apresenta ao se tomar a decisão por esses textos, no entanto, se dá na seleção detalhada do material a ser tratado em se levando em consideração o grande corpus saussuriano. Tratamos desse empecilho a seguir.

5.2 O PROBLEMA DO *CORPUS* SAUSSURIANO

Além de o ensino de linguística em muitos cursos superiores do País se colocar como uma introdução superficial da ciência da linguagem, principalmente em seus níveis iniciais, como vimos, parece que métodos automatizados de análise são privilegiados em detrimento do pensamento que deu origem a eles. Nesse sentido, se quisermos realmente tomar a linguística em sua complexidade e, por conseguinte, entender Saussure em sua multiplicidade de trabalhos, faz-se mister compreender minimamente o percurso das obras do mestre genebrino. Mais do que isso, como grande parte das teorias linguísticas atuais, principalmente aquelas do discurso, reconhecem dever algo ao fundador da linguística moderna (TESTENOIRE, 2015), é-nos

interessante ver como a imensa gama dos trabalhos de Saussure podem nos ajudar a pensar os estudos do fônico, e, por meio disso, o ensino da obra do mestre. Nesse sentido, façamos uma viagem panorâmica por mais alguns caminhos desse labirinto.

Assim como todo linguista de sua época, Saussure teve grande produção no que diz respeito a trabalhos em Linguística comparativa, o que, mais tarde, viria a colocar em um plano suspenso. Como nos coloca Mopurgo Davies (2006), todo trabalho publicado por Saussure em vida foi a respeito de problemas relativos ao Indo-Europeu, encaixando-se na tradição histórica e comparativa da Linguística feita no século XIX. No entanto, mais do que se enquadrar nos moldes da ciência comparativa fundada pelo alemão Franz Bopp, o linguista suíço foi além dessa tradição, ao se mostrar duvidoso sobre a natureza dessa ciência e de sua continuidade. Desses trabalhos, merecem nossa atenção dois dos mais significativos na produção saussuriana: o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, de 1878, e o *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*, de 1880. Ainda para Mopurgo Davies (op. cit.), apesar de esses trabalhos tratarem, em princípio, de questões relativas à comparação de estados de língua, “há pouca dúvida de que o trabalho comparativo de Saussure é dominado por conceitos de sistema, de elementos distintivos e de contraste⁷⁵” (p.26). Mais do que isso, esses trabalhos de ordem complexa, trazem como um som ou conjunto de sons dados pela reconstrução das línguas em estudo, afetando todo o sistema fonológico dessa língua, assim como os contrastes, diferenças, hierarquias e funcionamento morfofonológico desse sistema também são afetados. Nesse sentido, apresenta também forte influência do jogo fônico da língua, já que é por meio dele que os diversos estados de um sistema se constituem.

⁷⁵ Ver nota 14.

Já o *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1916), baseado nos cursos sobre Linguística Geral proferidos por Saussure na Escola de Altos Estudos de Genebra, de 1907 a 1911, constitui, conforme nos ensina Normand (2000, p.18), “um texto de ideias, de reflexão absolutamente original sobre a linguagem, a especificidade do objeto-língua, as armadilhas da evidência e a trivialidade nas ciências humanas”. Dessa maneira, essa que é a obra mais conhecida do linguista genebrino torna-se leitura indispensável para todos aqueles que aspiram a conhecer um pouco mais da Linguística e do pensamento saussuriano. Muito mais do que revolucionar o pensamento linguístico vigente no século XIX, apontando aquilo que se espera do linguista e da Linguística, o texto do *CLG* também se colocara como de vanguarda ao estabelecer princípios gerais para o entendimento da linguagem, da Linguística e da língua. São eles: a concepção da língua não como mera nomenclatura, mas como sistema de unidades correlacionadas entre si, (SAUSSURE, 1916: 79 et seq.), as distinções necessárias entre linguagem, língua e fala para a concepção de objetos distintos para a ciência em formação (op. cit; pp. 15-32), as diferentes realidades temporais de estudo da língua e suas correlações com o estudo linguístico (op. cit; pp. 94-114; 163 et seq.), sendo nesse sentido que se pode inferir novamente a presença dos estudos do caráter fônico da língua. É também no *Curso* que Saussure nos traz questões particularmente importantes não só para o escopo deste trabalho, mas para o entendimento de todo seu programa linguístico: suas concepções sobre o *signo linguístico* e, a partir disso, o entendimento do sistema da língua como um sistema de valores negativos, os quais, para nós, passam antes pelo entendimento do caráter fônico da língua, sendo este básico para a vida de qualquer signo. Na obra, vemos que o princípio básico da teoria saussuriana, o signo, é também aquilo que lhe atribui a maior complexidade – a língua, do fônico a um sistema de signos, passa a ser um sistema de valores, que dependem das interações no campo do fônico para

constituírem unidades observáveis dentro do campo da linguagem. Esse sistema de unidades e de identidades não existe, entretanto, senão pela presença do fônico que se relacionam entre si em um campo sintagmático e pela sua ausência relacionada na virtualidade das associações da língua. O que mais ficou desse “texto tomado na história de suas interpretações” (NORMAND, 2000), entretanto, foi uma leitura positiva e reducionista dos princípios nele trazidos, o que faz necessário conhecer bem o programa saussuriano divulgado no Curso, assim como seus princípios fundantes – o fônico -, para se propor outra leitura da obra do mestre genebrino. Nesse sentido, outras obras de Ferdinand de Saussure também podem nos ajudar em relação ao conhecimento do programa linguístico do mestre. Vejamos o caso dos *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2002).

Conforme nos conta Vilela (s/d), após um hiato de 45 anos da edição e da publicação do *CLG*, novos documentos foram encontrados no gabinete anexo à moradia de Madame de Saussure: mais anotações de aula, esboços de artigos e ensaios críticos sobre leituras referentes às línguas e à Linguística. Após o tempo equivalente a quase quatro décadas desse último achado, encontrou-se um último lote de documentos que, juntando-se aos outros, aproxima-se à extensão de dez mil páginas dentre notas e documentos que, depois de exaustiva análise, acabaram revelando diferentes áreas de pesquisa empreendidas por Saussure, o que além de tornar seu *corpus* ainda maior, divide-o em distintos campos de relevância, tornando, assim, o trabalho do pesquisador do programa saussuriano ainda mais complexo. É a partir da descoberta de tais documentos que o *corpus* saussuriano começa a se configurar como heterogêneo: antes disso, o que se conhecia de Saussure era sua pesquisa comparativa, que deu origem a suas dissertação e tese, o que era considerado um mundo totalmente à parte daquilo que deu origem à Linguística, embora em análise mais atenta possamos ver os princípios do

fônico já tomando forma em seu *Mémoire* assim como no trabalho sobre o Genitivo Absoluto. Assim, no que tange aos *Escritos de Linguística Geral*, há vários assuntos desenvolvidos dentre aqueles manuscritos que tratam das questões trazidas nos *Curso*, embora não sejam todos que abordem explicitamente o caráter fônico da língua. Dessa maneira, neste panorama, abordamos apenas alguns deles.

As notas que compõem o acervo BPU 1996 *Sobre a Dupla Essência da Linguagem* e as *Notas Preparatórias para os Cursos de Linguística Geral* tratam, basicamente, da articulação na língua das questões de forma e sentido, o que vem a ter consequências diretas no trabalho do linguista, uma vez que, para Saussure (2002, p. 21), “é errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro”⁷⁶. Essa afirmação, encontrada no prefácio dessas notas sobre a linguagem, não apenas nos remetem à noção semiológica da língua, conforme nos é colocado nos *CLG*, como também ao entendimento saussuriano de todo aspecto de língua, o que deve ser considerado pelo linguista em sua análise. A partir disso, como já observamos neste trabalho, são colocadas em evidência questões ligadas à natureza do objeto em Linguística (op.cit.:23-26) e a diferenças, semelhanças e negatividade da língua e à análise linguística. A partir disso, configuram-se as noções de signo e de valor linguísticos, apoiados no pressuposto do fônico como caráter fundante de uma língua, já que é a partir dele e de suas relações que se configura o pensamento semiológico saussuriano. Nos *Outros Escritos de Linguística Geral*, em especial nos *Antigos Documentos* pertencentes ao acervo da Edição de Engler (1968 – 1974), não diferentemente do resto dos *ELG*, encontramos mais notas e documentos que expressam a visão de Saussure sobre a língua e a Linguística, sempre baseados em seu pensamento sistemático sobre a língua e seus valores. É interessante ressaltar, aqui, no

⁷⁶ Aqui, releamos o trecho já apresentado na página 47 deste documento.

entanto, dois conjuntos de documentos: as conferências na Universidade de Genebra (1891), que preveem toda a inquietação e as proposições de Saussure a respeito da língua a serem depois desenvolvidas nos *CLG*. Ainda, há *Notas para um livro de Linguística Geral* (1893-1894), nas quais podemos visualizar alguns princípios colocados em suas aulas, como a questão do objeto, do ponto de vista, da oposição dos grupos som-ideia (pp. 173-174) etc. Destarte, os princípios colocados nessas notas nos são essenciais, já que, ao tratar o objeto e a unidade de análise como fundamentais em um plano de apresentação da Linguística Geral, o aspecto linguístico que os funda, o fônico, também deve ser levado em conta nesse esforço. Assim, *grosso modo*, podemos dizer que os textos presentes nos *ELG*, preveem e aprofundam as discussões sobre a língua, a fala, a Linguística e o papel do linguista que, até a metade do século XX, só eram conhecidos pela leitura dos *CLG*. Se quisermos considerar seu uso em sala de aula, entretanto, teremos de tomar diversos cuidados, visto que sua edição é tomada de brancos, e seu conteúdo está longe de ser tão didático quanto o do *Curso*. No entanto, é possível uma seleção de trechos que compreendam questões de Linguística Geral e dos estudos do fônico complementares àquilo que é colocado no *CLG*.

Além dos documentos que vieram a compor os *ELG*, grande parte dos achados feitos postumamente dizia respeito às pesquisas de Saussure em relação aos mitos de fundação das sociedades germânicas e escandinavas, como aqueles referentes à saga dos Nibelungo, às lendas de Tristão e Isolda, entre outros. O que é interessante notar, no entanto, é que essas pesquisas, assim como aquelas descobertas e publicadas por Starobinski, em 1971, referentes aos estudos de Ferdinand de Saussure sobre textos de poetas greco-latinos, confirmam não só preocupação do mestre com aspectos semiológicos, mas também dos aspectos fônicos que parecia estar sobre uma língua (ARRIVÉ, 2007). Nesse sentido, quando o linguista suíço estuda as combinações

fônicas responsáveis pela revelação das palavras-temas, ou seja, de anagramas existentes nas epopeias clássicas, é-nos possível ver a preocupação de Saussure com empreendimentos literários, tentando, a seu modo, entender “o vínculo indissolúvel entre o *literário* e o *literal*” (op. cit.:178). Nesses estudos, o próprio termo anagrama é empregado em sentido bem pouco tradicional, aparecendo apenas como a transposição de sons de um verso poético para a formação de nomes que revelassem “palavras sob as palavras”⁷⁷ ou hipogramas, palavras-tema, que poderiam revelar o nome de um deus ou herói mitológico diluído foneticamente nos versos dos poemas analisados.

No que diz respeito à pesquisa saussuriana sobre as lendas, há o tratamento daquilo que o linguista entende por símbolos intrínsecos à constituição literária. Nisso, o professor genebrino aponta mais um caráter que seria explorado em seu programa semiológico, conforme podemos observar quando ele afirma que os símbolos que compõem as lendas “estão submetidos às mesmas vicissitudes e às mesmas leis que todas as outras séries de símbolos, por exemplo, os símbolos que são as palavras da língua. Todos eles fazem parte da semiologia” (*apud* Arrivé, 2007:101). Nesse sentido, Saussure considera e aproxima usos da literatura a usos da língua, considerando ambos como objetos da semiologia, o que, de uma maneira ou outra, condiz com aquilo que é colocado nos *CLG* como uma das atribuições do linguista, que “deve também examinar as relações recíprocas entre a língua literária e a língua corrente” (SAUSSURE, 1916:30) e coloca suas pesquisas, tanto linguísticas quanto literárias dentro de um projeto maior: o da semiologia. Para fazê-lo, no entanto, ele retoma aspectos do som presente em cada objeto de análise, de modo que é o fônico que dá base ao projeto semiológico do mestre. Além disso, não se pode deixar de comentar que, segundo o que

⁷⁷ Para mais detalhes sobre esse empreendimento literário de Saussure, remeta-se ao sexto capítulo do texto de Michel Arrivé (2007), à pesquisa de Jean Starobinski (1971) ou à pesquisa de Testenoire (2013).

nos ensina Testenoire (2015), é devido às novas leituras feitas dessas obras que se concebe atualmente Saussure como responsável por um projeto único, de cunho semiológico (e que, para nós, necessariamente passa pelos estudos do fônico), ao contrário do que se considerava nos anos 70 e 80, que tomava as pesquisas do linguista suíço como contraditórias entre si.

Por fim, quando tratamos do *corpus* saussuriano, não podemos deixar de considerar sua correspondência. Esse fato, que pode parecer estranho a princípio, muito ajudou os pesquisadores do pensamento saussuriano a entender certos aspectos dos planos e ânsias de Ferdinand de Saussure em relação ao linguista e ao tratamento da Linguística. Das cartas a seus colegas, como Meillet, em que lamenta o estado atual da pesquisa nas línguas e se sente na obrigação de mostrar ao linguista aquilo que deve ser feito, em correspondência a outros pesquisadores distantes como Courtenay, em que comenta a noção de fonema desenvolvida por esse último, vemos um Saussure preocupado com a ciência da língua e com seus avanços ao longo dos anos. Assim, se considerarmos tudo o que foi apresentado até agora, poderemos notar que, como colocamos antes, há unidade nos trabalhos de Ferdinand de Saussure: a preocupação com o objeto, com o estudo da linguagem a partir de uma perspectiva que considerasse as *unidades* analíticas a partir de seu sentido no sistema linguístico e com a semiologia. Tudo isso parte, conforme abordamos nos capítulos da primeira parte deste trabalho, parece ser fundada na noção de fônico, o que mesmo assim, não nos faz negar o fato de que, devido à sua complexidade e às suas maneiras de expor as problemáticas dos estudos empreendidos da língua, o vasto *corpus* saussuriano seja heterogêneo. Ao contrário, esta é uma problemática que merece ser tratada.

Conforme já abordamos em Sortica (2011), uma maneira de contornar o problema da vastidão do *corpus* saussuriano para o ensino em níveis iniciantes em

Linguística, deve-se dar ênfase aos textos que, mesmo em seu original, sejam de leitura fácil ou mediana, já que os alunos universitários devem desenvolver sua capacidade de leitura de fontes primárias (BRAUER, 2011) e que tratem de um aspecto comum a um curso oferecido. No caso dos primeiros semestres em Letras, tratamos de Linguística Geral. No entanto, mesmo a leitura dita fácil de alguns textos de Saussure pode requerer grande esforço de explanação por parte do professor da disciplina e isso será facilitado para docentes e discentes se tratarmos os primitivos teóricos nos textos do mestre como base para se entender sua complexidade. Vejamos, pois, nossa proposta.

5.3 UMA PROPOSTA: O ENSINO DOS PRIMITIVOS TEÓRICOS EM SAUSSURE

Em trabalhos anteriores (SORTICA, 2011), propomos que o ensino do legado saussuriano, em se considerando o contexto universitário e o público de alunos iniciantes, deveria se dar por eixos temáticos e trabalhar com aquilo que é o básico em Saussure, ou seja, aquilo que pode levar o estudante a refletir sobre as concepções de linguística geral. Em um curso que visa a apresentar os conceitos básicos de tal disciplina, no entanto, os textos selecionados para a leitura por parte dos alunos devem ser cuidadosamente escolhidos de modo que não seja muito difícil, mas que não deixe de apresentar algum desafio em seu âmago. Nesse sentido, se não quisermos fornecer apenas textos que resumem e, muitas vezes, distorcem as noções da ciência da língua desenvolvidas pelo linguista suíço, faz-se mister nos utilizarmos dos textos originais do

mestre⁷⁸. Nossa proposta, porém, vai um pouco mais longe nesta dissertação: propomos a utilização do fônico como base no ensino da obra do mestre.

Ora, mesmo quando organizamos o cronograma de uma disciplina de linguística de modo temático, com o objetivo de avançar progressivamente com os conceitos básicos de uma parte da disciplina, de modo que os estudantes entendam como aplicar tais conceitos em exercícios de análise de um dado sistema de língua, se não fizermos os alunos entenderem a origem de tal conceito e sua evolução, sua mera aplicação em instrumentos avaliativos não lhes dará a oportunidade de participar ativamente de sua aprendizagem, de modo que apenas repetirão mecanicamente a análise que viram ser feita pelo professor. Além disso, se os alunos não se depararem com os pressupostos teóricos de um conceito, pouco provavelmente poderão prever os conceitos a este interligados em um mesmo quadro teórico e, quando precisarem fazer uso deles se se depararem com uma situação-problema cuja resolução exige que um conceito deva ser ligado a outro, não terão ferramentas suficientes para fazê-lo. Afinal, mais do que ensinar conceitos de uma ciência, devemos, como professores, tentar fazer os alunos refletirem sobre como aplicar tais noções a seu cotidiano profissional, seja como professor, tradutor ou como pesquisador em linguística ou até mesmo em estudos literários. Ilustremos nossa proposta como um conteúdo fundamental nos primeiros cursos em linguística de algumas universidades (INSTITUTO, 2016, por exemplo): a questão do preconceito linguístico.

Pegemos, por exemplo, o livro *Preconceito Linguístico* (BAGNO, 1999), e teremos uma visão panorâmica de alguns dos pré-conceitos mais comuns em língua

⁷⁸ Por textos originais, aqui, entendemos não apenas os manuscritos saussurianos, mas também a edição do Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1916), por ter sido baseada nas aulas do mestre na Universidade de Genebra. Assim, tratamos aqui de fontes acadêmicas primárias e não de manuais de linguística com releituras marcadas de pensadores da língua.

portuguesa e sobre a língua portuguesa em sua variante brasileira. Sua leitura bastaria para desmistificar por meio de argumentos plausíveis tais equívocos naquilo que se refere à língua, o que poderia ser suficiente se se quisesse apenas reproduzir a argumentação (muito bem colocada, diga-se de passagem!) do professor da UnB em sala de aula. A sociolinguística, ramo da linguística que dá fundamentação teórica ao livro, no entanto, não relaciona que conceitos básicos da ciência linguística fazem com que as afirmações que motivam o livro sejam não apenas aceitas na linguística como aceitáveis, tampouco como se originaram na própria sociolinguística. Obviamente, esse não é o objetivo do livro, nem o criticamos por isso. Entretanto, ensinar aspectos cruciais para o profissional da língua como desvinculados de qualquer outro dentro da própria ciência linguística e apresentar apenas conceitos aparentemente soltos ao fazê-lo é, no mínimo, ofender a inteligência do aluno. Mais do que isso, é propagar uma ideia que desvincula os vários ramos da linguística e que, muitas vezes, a separa, inclusive de outros estudos da língua, como os que tomam a Literatura como objeto. Analisemos o mesmo exemplo segundo nossa proposta. Como não queremos, entretanto, extrapolar o limite deste trabalho, focaremos nossa análise no quarto item da primeira parte do livro (op. cit.:40-45) e na quinta sessão de sua terceira parte (pp.129-131).

Ao descrever o mito de número quatro em relação aos preconceitos de cunho linguístico mais ouvidos no Brasil, Marcos Bagno tenta desmistificar a noção de que as pessoas sem instrução formal fariam errado, haja vista falas como

(20) [ˈprɐ̃ˈtə] ou

(21) [proˈbremə],

atribuídas a pessoas com menos acesso à escolarização, serem consideradas como exemplos de rotacismo⁷⁹ (BAGNO, 1999:42-43), fenômeno linguístico comum à história da língua portuguesa. Nesse sentido, o professor da UnB conclui que tal discriminação se trata de preconceito social, já que

isso se deve simplesmente a uma questão que não é linguística, mas *social* e *política*— as pessoas que dizem *Cráudia*, *praca*, *pranta* pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas *diferente* da língua ensinada na escola (p.42) [grifos do autor].

Embora a argumentação empreendida pelo sociolinguista seja minimamente convincente a respeito do tema, demonstrando, por meio da presença de uma troca fonético-fonológica comum ao português, que é falacioso afirmar que as pessoas sem instrução falam errado, a simples leitura de sua exemplificação poderia fazer o aluno iniciante em linguística atribuir tal disparate a tão-somente um fenômeno fonético. Se se entendesse, no entanto, todo esse processo a partir de conceitos básicos da linguística, presentes em Saussure e, se lhes os ensinasse a partir de uma perspectiva que privilegiasse os primitivos teóricos de uma teoria, seria possível chegar a conclusões bastante semelhantes, mas de complexidade linguístico-filosófica bem maior. *Grosso modo*, bastaria evocar as noções de mutabilidade e de imutabilidade do *signo linguístico*, assim como as noções de identidade e de *valor* para entendermos que não é estritamente da alçada do falante tampouco do seu nível de ensino a vontade de mudar

⁷⁹ Mudança fonética que consiste na substituição de um fone, especialmente o [l] ou uma sibilante sonora, pelo [r] alveolar. Conforme observa Bagno (1999: 41), isso pode ser observado em grande escala na passagem do latim vulgar ao português padrão contemporâneo.

um som lateral ou sibilante por um rótico-alveolar e vice-versa. Tais mudanças se dão devido ao tempo e apresentam-se em determinadas comunidades linguísticas em que um som, em determinado contexto, adquire caráter de alofone em relação ao outro, de modo que a conjuntos fônicos distintos são atribuídos *valor*, uma vez que essa mudança figura como possível dentro do sistema da língua, como se um som estivesse *in absentia* em relação ao outro. Nesse sentido, partindo-se na noção do fônico e de seu caráter imotivado e, chegando, por consequência na noção de signo e de *valor* linguístico, seria possível entender que o preconceito, assim como diz Bagno (op. cit.), é de motivação social e não linguística. De maneira análoga, se analisarmos a questão colocada pelo professor na quinta sessão da terceira parte de sua obra (op. cit.:129-131), sob o prisma do fônico e do *valor*, responderíamos negativamente à pergunta de que se vale tudo, já que não se considera erro⁸⁰ naquilo que o falante oferece a seu interlocutor. No entanto, em vez de recorrermos a questões de adequação e aceitabilidade (já previstas por Saussure ao descrever a imutabilidade do *signo linguístico*), o fazemos pela noção que um *valor* só toma lugar na língua, seja num sistema sintagmático ou em um sistema de associações se esse *valor* tem um caráter significante aceito por determinada comunidade de sujeitos falantes, não sendo, portanto, massa amorfa, errado ou ininteligível, como muitos normativistas o pretendem. Vê-se, assim, o aprendizado não apenas de noções fundamentais àquele que faz seu debute em linguística, como também sua reflexão ampliada por meio do estudo de conceitos primários da ciência que se quer aprender. Da mesma forma, também se pode fazer o ensino do programa saussuriano nele mesmo: basta partir dos princípios teóricos da obra no mestre (a noção de fônico, por exemplo) para se chegar a noções mais complexas, ainda que básicas para entender

⁸⁰ Embora essa questão deva estar sanada por qualquer linguista, vale a nota: consideramos erro, neste trabalho, sentenças ou sons desviantes, considerados como agramaticais e que, por isso, impeçam a comunicação entre interlocutores que compartilhem do mesmo sistema linguístico.

o pensamento linguístico: signo, identidade e *valor*. Vejamos, assim, um breve exemplo de aula.

Para um encontro de quatro créditos, selecionamos as seguintes leituras para serem feitas extraclasse: i) CLG, *Princípios gerais: capítulos 1 e 2*; ii) ELG, *Dupla Essência da Linguagem: documentos 3g, 5a, 7, 11*; iii) ELG, Notas Preparatórias para um Curso de Linguística Geral, *Antigos Documentos: documentos 3e, 3f* e iv) ELG, Notas Preparatórias para um Curso de Linguística Geral, *Novos Documentos: documento 5*. Levando os tópicos principais discutidos nos textos como base, o professor ao retomar as noções de objeto da linguística, língua, linguagem e do aspecto fônico da língua (tratados, no CLG, antes dos Princípios Gerais), começaria o encontro problematizando a questão de a língua ser concebida como nomenclatura, referindo-se, portanto, ao primeiro capítulo dos *Princípios Gerais* do CLG.⁸¹ Aqui, tentaria dissociar as noções de objeto no mundo a objeto da língua, tomando a noção de *signo linguístico* como ponto de partida. Assim, discutir-se-ia a evolução do termo *signo* e suas diferentes concepções, apoiando-se na contextualização histórico-filosófica da empreitada de Saussure no estabelecimento de seus “impensáveis epistemológicos” (PARRET, 2004) e na leitura dos textos selecionados dos *ELG*. Para aprofundar a discussão e preparar os alunos para o entendimento nas noções de arbitrariedade e linearidade do signo, convém retomar brevemente, como fizemos nos capítulos 2 e 3 deste trabalho, a noção de fônico e sua relação com unidades linguísticas, para, enfim, debater a questão da arbitrariedade do significado com os alunos, sublinhando o fato de que, para Saussure, essa característica atribuirá arbitrariedade ao todo conjunto sígnico. Em se vencendo essas

⁸¹ Colocamos aqui uma ideia de metodologia para aulas de linguística geral. Obviamente, não pretendemos dizer que esta maneira é a correta; é apenas UMA das inúmeras maneiras de se colocar em evidência aquilo que tratamos como primordial: o ensino do programa saussuriano e de seus conceitos básicos (língua, fala, sujeito falante, objeto da linguística, etc.) a partir da noção do caráter fônico da língua.

questões teóricas, poder-se-ia introduzir os princípios da arbitrariedade e da linearidade do signo. Aqui, para fins de melhor visualização da teoria, assim como de sua aplicação à realidade linguística, o professor separaria os alunos em pequenos grupos (de 4 a 5 pessoas cada) e, a partir de uma leitura primeira dos conceitos colocados por Saussure no primeiro capítulo, pediria aos alunos que pensassem em exemplos de palavras ou sintagmas, em diferentes línguas, que corroborassem ou refutassem os princípios saussurianos.

Na sequência, seriam retomadas as discussões feitas nos pequenos grupos, e cada grupo apresentaria suas conclusões e exemplos, o que seria problematizado e sistematizado pelo professor no quadro. Espera-se, aqui, que surjam discussões relativas àquilo que Saussure chama símbolo (1916, p.82), assim como pensamentos referentes às onomatopeias, às palavras formadas por um mesmo radical e a expressões cotidianas. A partir disso, seriam expostos os conceitos de mutabilidade e imutabilidade do *signo linguístico*, de modo a se pensar a língua como objeto temporal e social, mas que só pode ser modificada por uma massa falante, não por um indivíduo apenas, o que, em última instância, daria aos alunos subsídios para pensarem na evolução e na gramaticalização de suas línguas de estudo, introduzindo-os aos estudos de linguística estática e evolutiva. Nesse contexto, se pensaria a língua como um sistema e que o papel do linguista seria, entre muitos outros, analisá-la sempre pensando nesse sistema de valores. Para isso, também se retomaria a própria noção de fônico, propondo a seguinte reflexão e tarefa avaliativa aos alunos: *De que maneiras a noção de objeto da linguística e de som tratada por Saussure na introdução e no apêndice à introdução do CLG podem ser relacionadas à evolução das línguas, levando-se em consideração os princípios da mutabilidade e da imutabilidade do signo linguístico?*

Com vistas a finalizar a aula e para encaminhar possíveis abordagens à pergunta feita anteriormente, o docente remeteria os alunos ao esquema de *signo linguístico* apresentado nos *ELG* (2010, p. 42), retomando as discussões empreendidas em sala de aula. Por fim, o professor proporia uma discussão sobre quais as consequências desse pensamento para se pensar língua, ensino de língua e tradução hoje, dizendo aos alunos para se reunirem novamente em pequenos grupos, desta vez, de acordo com sua habilitação e ênfase. Após discussão nos grupos menores, os pensamentos do grupo seriam socializados com o grande grupo, sendo sistematizados pelo professor no quadro.

Vale, enfim, ressaltar que, se pretendemos ensinar o programa saussuriano levando em conta as possíveis leituras de sua obra e considerarmos sua docência em primeiros níveis de cursos de linguística geral, devemos considerar o que é ensinar linguística, a escolha dos textos didáticos a partir de um corpus heteróclito e, como ponto de partida para tudo isso, os primitivos teóricos de tal programa. Assim, todos os conhecimentos adquiridos até aqui nos ajudam a pensar por onde começar quando do ensino da ciência das línguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UNDE EXORIAMOS?

Há várias versões para o desfecho da história do herói e do novelo. O consenso dos pesquisadores é de que, após sair do labirinto e derrotar o Minotauro, Teseu, a mando da deusa Atena, teria abandonado Ariadne e seguido suas viagens com os argonautas após ver seu povo livre dos desmandos do rei Minos. Após isso, alguns rumores dizem que a filha de Creta se suicidou; outros apontam sua morte devido a complicações no parto de seu filho. A abordagem mais aceita, entretanto, conta que a deusa Afrodite, ao ver a desgraça do abandono de Ariadne, ofereceu-lhe o deus do vinho, Dionísio, como esposo. Com ele, a portadora do novelo gerou dois filhos. Se haverá, em nossa vez, desfechos, não podemos ter certeza, já que nossa jornada se limitou a entrarmos no labirinto e a vermos a Besta de perto. Como não queremos, neste conto, dar conta das paixões e das desventuras que regem uma eventual saída do labirinto, limitamo-nos a retomar um pouco de nossa jornada.

Na introdução aos nossos estudos, abordamos nossa filiação teórica e nossas expectativas quanto a este trabalho: entender como se constituem os estudos do fônico no Curso de Linguística Geral e, a partir disso, pensar por onde começar o ensino do programa linguístico saussuriano. Nossa hipótese, já colocada, dizia respeito a tomar tal empreitada por aquilo que nos parece um dos conceitos primitivos desenvolvidos pelo

mestre genebrino – a própria noção de fônico. Assim, caíamos em um círculo vicioso, ou melhor, um labirinto. Precisávamos compreender melhor o fônico para poder tratá-lo como objeto de ensino. E foi dessa maneira que seguimos nosso caminho nos três capítulos da primeira parte desta dissertação.

No primeiro capítulo da primeira parte, mergulhamos no *Apêndice de Fonologia* e tentamos entender seu papel dentro do CLG, mostrando que o capítulo, por sua localização na edição do *Curso*, assim como pelos preceitos de que trata, não pode ser visto como mero apêndice e, sim, como uma das mais importantes bases para a compreensão da linguística saussuriana. Nesse capítulo, ressaltamos, se apresentam os princípios da abordagem fônica da língua, uma noção impensável e indefinível, responsável, portanto, pelo surgimento de um programa de cunho metafísico e, ao mesmo tempo, epistemológico (PARRET, 2004). Seguindo essa lógica, o segundo capítulo dessa parte trata das relações do fônico com a constituição do *signo linguístico*, considerado por muitos um dos primitivos teóricos do pensamento de Ferdinand de Saussure. O que vimos é que, além de o signo ser (i)mutável, o fônico, como caráter fundante da língua, também o é, de modo que grande parte das características atribuídas ao *signo linguístico* pelo mestre genebrino também podem se aplicar ao próprio caráter fônico da língua, como vemos em suas reflexões manuscritas. Isso se torna mais visível quando exploramos, no terceiro capítulo da primeira parte deste trabalho, as delimitações e aforismas saussurianos naquilo que diz respeito ao *valor* linguístico. Por se tratarem de signos em relação a outros em um sistema linguístico, as noções do caráter fônico da língua parecem ainda mais fortes em relação ao falante, haja vista toda noção de delimitação de unidade, assim como seus papéis em uma língua, passam pelas propriedades características do som na língua. Assim, vimos que todo o processo de significação e de delimitação de unidades de uma língua, assim como o fônico e sua

mudança, dependem, mesmo que não diretamente, do sujeito falante. Paradoxalmente, é por meio de seus valores postos em fala que a massa falante tem acesso à própria língua. Tendo ciência disso e com o objetivo de evitar que o ensino do legado saussuriano recaia sobre uma visão reducionista de dicotomias, propomos uma segunda parte para esta dissertação.

Na segunda parte de nossa jornada, procuramos maneiras de se conceber o ensino do programa saussuriano nas universidades. Assim, no primeiro capítulo desta parte, vislumbramos a maneira como a linguística é ensinada nos primeiros semestres dos cursos de Letras e áreas afins, apontando eventuais dificuldades enfrentadas por aqueles que colocam a linguística de Saussure como parte de seu programa de ensino, especialmente no que diz respeito a seu *corpus* que parece crescer cada vez mais. Nesse sentido, propomos não apenas que o ensino tenha base no Curso de Linguística Geral, mas sem ignorar as outras fontes do conhecimento do linguista suíço, como também que seja pensado a partir daquilo que consideramos os primitivos teóricos de sua teoria – o caráter fônico da língua, pois assim se ensina o linguista iniciante a entender dois princípios básicos em sua longa caminhada no aprendizado da ciência da língua. São eles a delimitação da unidade de análise de dada língua, **sendo o valor e o signo linguísticos consequências do caráter fônico dessa língua**, e, principalmente, os pressupostos que subjazem a qualquer análise linguística, com vistas a torná-lo um pesquisador independente que consiga entender as inúmeras divisões de nossa ciência como algo ligado a um todo.

Tendo tudo isso em vista, talvez consigamos apresentar uma proposta à indagação de Saussure. Por onde começar? Ora, se nos estudos da língua “estão os princípios linguísticos e os esclarecimentos indispensáveis à formação do professor de língua, que não pode ensiná-la sem compreender sua essência, sua forma de organização

e seu modo de produção de sentidos” (GOMES, 2013:231), devemos começar pelos próprios princípios linguísticos, mas não aqueles que já vimos se repetir inúmeras vezes e reforçar discursos que tratam a obra do professor genebrino como ultrapassada e sem serventia. Logo, se quisermos unir nossas vozes a tantos pesquisadores que consideram o programa saussuriano passível de reorganizar as ciências do homem por fornecer elementos essenciais para se compreender a formação do indivíduo (BRONCKART, 2010), tratemos de começar com os conceitos primitivos dessa ciência – e, entre eles, o fônico – que é o que “faz possível a construção de uma teoria de estrato metafísico de onde, por conseguinte, emerge a estratégia epistemológica e, imediatamente, um corpus de proposições científicas”⁸² (PARRET, 2004:17). Como queria Saussure, ensinemos ao linguista o que ele faz (por onde ele o faz e a complexidade daquilo que ele faz).

Dessa maneira, encerramos nossa jornada no centro do labirinto, mas sem perspectivas dele sair ou dele simplesmente nos libertarmos. O novelo, que nos encaminhou ao caminho da linguagem e a entender melhor seu sistema, fica guardado conosco, mas em nosso conto, em vez de confrontarmos a Besta e matá-la, aprendemos a nos vermos como ela. Afinal, nada mais é o linguista-sujeito falante do que o espelho de Teseu-Minotauro. Um depende do outro para se constituir no mundo e na própria história das ciências do homem.

⁸² No original, na íntegra do parágrafo, em francês: *Si la linguistique saussurienne prend la forme d'un << pari épistémologie >>, elle est nécessairement accompagnée par une métaphysique qui se présente comme un faisceau de concepts primitifs (langue, signe, esprit, pensée, langage, idée, concept, expression, sens, signification, valeur, arbitrarité), faisceau d'indefinissables qui rendent possible la construction d'une théorie, strate métaphysique, par conséquent, d'où émerge la stratégie épistémologique et, de suite, un corpus de propositions scientifiques.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIVÉ, M. (2007) **Em Busca de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Parábola, 2010. (Coleção Língua[gem], número 8).

BAGNO, M. (1999). **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BATTISTI, E., VIEIRA, M. *O Sistema Vocálico do Português*. In: BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2014.

BENVENISTE, É. (1958). *Da subjetividade na linguagem*. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. (1969) *Semiologia da Língua*. In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

_____. (1970) *O Aparelho Formal da Enunciação*. In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BISOL, L. *O acento e o pé métrico binário*. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. ° 22, pp. 69-80. 1992.

_____. *A sílaba e seus constituintes*. In: NEVES, M. H. M. (org.) **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

_____. *Estudo sobre a nasalidade*. In: ABAURRE, M. B. (org.) **Gramática do Português Falado: novos estudos descritivos**. Campinas, v. 8, pp .502-531, 2002.

_____. *Sandhi in Brazilian Portuguese*. **Probus**, n. ° 12, pp. 177-200, 2003.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Henry Holt, 1933

BOUQUET, S. (1997) **Introdução à Leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.

BRAUER, M. (2011) **Ensinar na universidade: conselhos práticos, dicas, métodos pedagógicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BRONCKART, J.-P. (2010). *L'oeuvre saussurienne et les sciences de l'homme*. In: _____. BULEA BRONCKART, E., BOTA, C. **Le Projet Ferdinand de Saussure**. Genève: Librairie Droz, 2010.

CAMARA JR. J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CHEVALLARD, Y. **La transposition didactique** : du savoir savant au savoir enseigné. Coleção La Pensée sauvage. Deuxième édition augmentée. Grenoble, 1991.

CHOMSKY, N., HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. Nova Iorque : Harper e Row, 1968

CLEMENTS, G. *The geometry of phonological features*. **Phonology Yearbook**. Londres, n.º 2, pp. 225-252, 1985.

CLEMENTS, G., HUME, E. *The internal organization of speech sounds*. In: GOLDSMITH, J. (org.) **The Handbook of Phonological Theory**. Londres : Blackwell, 1995.

COLLISCHONN, G. *A Sílabas em Português*. In: BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2014.

DE MAURO, T. (1956). *Cours de linguistique générale*. **Édition critique**. Paris : Éditions Payor, 1985.

DEPECKER, L. (2009) **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FIORIN, J. L. *Prefácio*. In: _____ (org.) **Introdução à Linguística I**: objetos teóricos. 3.ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FLORES, V. do N. et al., **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V. do N. *Ensinar Saussure? Sim, mas como?* In: REBELLO, L., FLORES, V. do N. (orgs.) **Caminho das Letras**: uma experiência de integração. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras/UFRGS, 2015

GADET, F. **Saussure**: une science de la langue. Paris: PUF, 1987.

GOMES, N. *Herança Saussuriana*: contribuições para a formação do professor de língua. **Nonada**. Porto Alegre, n.º 20, pp. 213-232. 2013.

HAJEK, J. **Universals of sound change in nasalization**. Oxford: Blackwell, 1997.

HISTORIOGRAFIA da Linguística. *Programa da disciplina*. Sítio eletrônico da Unicamp, 2016. Acesso em: 16/02/2015.

INSTITUTO de Letras da UFRGS. *Conceitos Básicos de Linguística*. Programa da disciplina. Sítio eletrônico da UFRGS, 2016. Acesso em: 16/02/2015.

JAKOBSON, R. (1957) *Shifters, Verbal categories and the Russian verb*. In: _____. **Selected Writings II** – Word and Language. Paris: Mouton, 1971.

JAKOBSON, R., FANT, G., HALLE, M. (1952) **Preliminaries to Speech Analysis**. Cambridge: MIT Press, 1987.

LICENCIATURA em Letras da PUCRS. Súmula das disciplinas do curso. Sítio eletrônico da PUCRS, 2011. Acesso em: 16/02/2015.

LYONS, J. **Introduction to Theoretical Linguistics**. Londres: Cambridge University Press, 1968.

_____. (1981) **Lingua(gem) e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

MARCHESE, M. Ferdinand de Saussure, **Théorie des sonantes**. *Il manoscritto di Ginevra Houghton Library bMS FR 266(8)*. PADOVA: UNIPRESS, 2002.

_____. Ferdinand de Saussure, **Phonétique**. *Il manoscritto di Harvard BPU Ms, fr. 3955/1*. PADOVA: UNIPRESS, 1995.

MATEUS, M. H. M. **Aspectos da Fonologia do Português**. Lisboa: Instituto Nacional da Investigação Científica, 1975

MILANO, L. E. *O rastro do som em Saussure*. In: **Nonada: Letras em Revista**, v.20, p.102, 2003.

MILNER, J.-C. **Le Périphe Structural: Figures et paradigms**. Paris, Le Seuil: 2008. (Coleção *La couleur des idées*)

MOPURGO DAVIES, A. *Saussure and Indo-European Linguistics*. In: SANDERS, C. (org.) **The Cambridge Companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução*. In: _____ (orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Volume 1. 4.^a ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NORMAND, C. (2000) **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. (Série Figuras do Saber, n.º 23).

_____. *Enseigner la linguistique? Oui, mais comment?* In: _____. **Allegro ma non troppo: invitation à la linguistique**. Paris: Editions Ophrys, 2006. (Coleção Les Chemins du discours)

PARRET, H. **Le Son et l'Oreille**. *Six essais sur les manuscrits saussuriens de Harvard*. Limoges: Lambert-Lucas, 2014.

SAUSSURE, F. (1916) **Curso de Linguística Geral**. Organizado por C. Bally e A. Sechehaye, com a colaboração de A. Riedlinger. 28.^a ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. (2002) **Escritos de Linguística Geral**. Editados e organizados por S. Bouquet e R. Engler. 10.^a edição. São Paulo: Cultrix, 2010.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2014

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 2007

SORTICA, M. M. **Ensinar Saussure hoje: da heterogeneidade do corpus ao ensino de linguística**. Monografia de final de curso. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

_____. (em preparação) *O ensino de linguística nos cursos superiores: uma proposta a partir da herança saussuriana*.

STAROBINSKY, J. (1971). **As palavras sobre as palavras**: os anagramas de Ferdinand de Saussure. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Coleção Debates)

STAWINSKI, A. **O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana**. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, 2016.

TESTENOIRE, Y.-P. **Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes**, Limoges: Lambert-Lucas, 2013.

_____. *Ce que les théories du discours doivent à Saussure*. **Semen** : revue de semio-linguistique des textes et discours. Paris, n.º 39, pp. 165-178, 2015

TRABANT, J. *Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs? Notes item sur l'étymologie saussurienne*. **Langages**, Paris, n.º 159, v.3, pp. 111-124. 2005.

VILELA, I. **Le fonds Ferdinand de Saussure**. Disponível em: http://www.item.ens.fr/fichiers/Theorie_linguistique/FondsSaussure.pdf Acesso em: 01/06/2011.